



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Vânia Manuela Vieira Fernandes

**Mediação Socioeducativa como espaço
de emancipação comunicacional na
relação escola-família.**



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Vânia Manuela Vieira Fernandes

**Mediação Socioeducativa como espaço
de emancipação comunicacional na
relação escola-família.**

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Mediação Educacional e
Supervisão na Formação

Trabalho realizado sob orientação da
Professora Doutora Isabel Carvalho Viana

Outubro 2012

DECLARAÇÃO

Nome: Vânia Manuela Vieira Fernandes

Endereço electrónico: vaniafernandes20@live.com

Relatório de Estágio

Mediação Socioeducativa como espaço de emancipação comunicacional na relação escola-família.

Orientadora:

Professora Doutora Isabel Viana

Ano de conclusão: 2012

Designação do Mestrado:

Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão da formação

De acordo com a legislação em vigor, não é permitida a reprodução de qualquer parte desta tese/trabalho sem a devida autorização da autora.

Universidade do Minho, 31/10/2012

Assinatura: _____
(Vânia Fernandes)

A Mediação Socioeducativa como espaço de emancipação comunicacional na relação escola-família

Vânia Manuela Vieira Fernandes

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação - Mediação Educacional e Supervisão na Formação

Universidade do Minho

2012

Resumo

O presente relatório surge no âmbito do estágio profissional referente ao Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão da Formação. Este projeto incidiu especialmente na escola sede de um agrupamento do Distrito de Braga, tendo como destinatário a comunidade escolar correspondente.

A mediação escolar é ainda uma área de intervenção pouco conhecida o que, entre outras razões, leva a algum desinteresse, ou até resistência à sua implementação em contextos escolares. Tendo em conta, por um lado, o desconhecimento, mas também, o interesse em incrementar esta área de intervenção, mostrou-se desafiante a implementação de um Projeto de Mediação Socioeducativa com incidência no desenvolvimento de ações de mediação cujo objetivo integrou a melhoria da comunicação na relação escola-família.

Partindo do ponto de vista da Mediação Socioeducativa, considera-se que a escola, enquanto instituição com importância na formação de futuros cidadãos, deve mostrar-se capaz de organizar a comunidade escolar com vista ao desenvolvimento de cidadãos, através de uma relação próxima com a família. A comunicação entre a escola e a família merece ser destacada como parte integrante de uma formação e preparação de futuros cidadãos responsáveis, acompanhados e que atribuam importância devida às instituições escola e família. Deste modo, a principal finalidade deste projeto foi proporcionar um ambiente gerador de confiança e melhoria comunicacional na relação entre a escola e a família. É tendo como ponto de partida esta finalidade que, o título desta investigação/intervenção *A Mediação Socioeducativa como espaço de emancipação na relação escola-família* é o pilar central de toda a intervenção, na medida em que se procurou desenvolver atividades que contemplassem uma atmosfera de proximidade e participativa entre os representantes da escola e os da família.

Conceitos-chave: Mediação Socioeducativa; relação escola-família;

Socio-educational Mediation as space of emancipation in school-family relation

Vânia Manuela Vieira Fernandes

Professional Practice Report

Master in Education - Mediation and Supervision in Training

University of Minho

2012

Abstract

This report comes under the traineeship for the Master of Education, specialization in Mediation and Supervision Training. This project focused especially at a school head office of a group of Braga District, taking as a point of study the school community

The socio-educational mediation is still a little known area of intervention which, among other things, leads to a lack of interest, or even resistance to the implementation in the school environment. Taking into account, on the one hand, the ignorance, but also the increasing interest in this area of intervention, proved challenging to implement a socio-educational mediation project focusing on developing actions aimed mediation included the improvement of the relationship school-family.

From the point of view of socio-education mediation, it is considered that the school as an institution of importance in the formation of future citizens must show itself capable of organizing the school community for the development of people through a close relationship with family. The school-family relationship deserves to be highlighted as part of training and preparing future responsible citizens, and followed that attribute importance due to school and family institutions. Thus, the main purpose of this project was to provide an environment conducive to trust and improved relations between the school and family. It is taking as a starting point for this purpose that the title of this research/intervention *Socio-educational mediation as a space of emancipation in school-family relation* is the central point of any intervention to the extent that activities intended to develop an atmosphere next to contemplate and participating between representatives of the school and family.

Key Words: Socio-educational mediation; school-family relationship

Índice

1. A MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA – O CONTEXTO DO ESTUDO	3
1.1. A COMUNIDADE ESCOLAR – O CONTEXTO	5
1.2. A COMUNIDADE ESCOLAR – O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO	7
1.3. MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA – DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE INTERVENÇÃO	8
1.3.1 Análise documental e bibliografia	9
1.3.2 Observação	10
1.3.3 Conversas Informais	11
1.4 NECESSIDADES, MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS	12
1.5 A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES/INTERESSES	16
1.6 A MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO COMUNICACIONAL NA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: FINALIDADE E OBJETIVOS	20
1.7 RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: PROBLEMÁTICA DE INTERVENÇÃO	22
2. A MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO COMUNICACIONAL NA RELAÇÃO ESCOLA -FAMÍLIA: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	27
2.1 A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA	29
2.2 O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS	30
2.3 A MEDIAÇÃO NA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA	33
3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	37
3.1. PRADIGMA QUALITATIVO NA INTERVENÇÃO	39
3.2. SELEÇÃO DOS MÉTODOS E TÉCNICAS DE INTERVENÇÃO	41
3.2.1 A investigação-ação	43
3.2.2 Investigação-ação: o percurso	44
3.2.3 A observação	49
3.2.4 O questionário	51
3.2.5. Sessões de comunicação	52
3.2.6. Validação dos resultados	53
3.3. MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA: RECURSOS MOBILIZADOS E LIMITAÇÕES DO PROCESSO	56

3.3.1 Recursos Humanos	56
3.3.2 Recursos Materiais	56
4. MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA NUM ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO DA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO	57
4.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO	59
4.2. DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DE ESTÁGIO	60
4.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	65
5. REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES FINAIS	85
5.1 OS RESULTADOS NUMA PERSPETICA CRÍTICA	87
5.2. MEDIAÇÃO EDUCACIONAL E SUPERVISÃO DA FORMAÇÃO: IMPLICAÇÕES A NÍVEL PROFISSIONAL E PESSOAL	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA	95
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	99
ANEXOS	101

ÍNDICE DE QUADROS

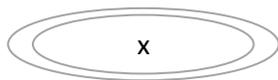
Quadro 1 - Planificação das sessões de comunicação.....	64
Quadro 2 - Avaliação (suficiente ou insuficiente) do contacto entre escola-família.....	69
Quadro 3 - Razões que motivam o contacto entre Encarregados de Educação e Diretores de Turma.....	70
Quadro 4 - Impedimentos que os Diretores de Turma e Encarregados de Educação encontram quando pretendem estabelecer contacto.....	73
Quadro 5 - Formas de aproximação da escola à família e fomento da relação entre ambas.....	79
Quadro 6 - Formas de potenciar a relação escola-família na perspetiva dos Diretores de Turma.....	81
Quadro 7 - Forma de potenciar a relação escola-família na perspetiva dos Encarregados de Educação.....	82

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Regularidade dos contactos entre escola-família na perspetiva dos Diretores de Turma.....	66
Gráfico 2 - Regularidade dos contactos entre escola-família na perspetiva dos Encarregados de Educação.....	67
Gráfico 3 - Avaliação (suficiente ou insuficiente) da regularidade dos contactos entre escola e família.....	68
Gráfico 4 - Razões que motivam os Encarregados de Educação a contactar os Diretores de Turma, segundo a perspetiva dos Diretores de Turma.....	71
Gráfico 5 - Influência da relação escola-família no rendimento escolar dos alunos.....	75
Gráfico 6 - Avaliação da aproximação da escola à família.....	78
Gráfico 7 - Relação da escola com a comunidade na perspetiva dos Encarregado de Educação.....	84

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 - Diários de Comunicação das sessões de comunicação.....	II
Anexo 2 - Questionários (Encarregados de Educação e Diretores de Turma).....	III
Anexo 3 - Registo de avaliação do fórum preliminar de resultados e da intervenção.....	VII
Anexo 4 - Convocatória para os Encarregados de Educação.....	VIII
Anexo 5 - Dinamização da 3ª sessão de comunicação com Diretores de Turma (Dispositivos Apresentados).....	IX
Anexo 6 - Dinamização do fórum preliminar de apresentação de resultados (Dispositivos Apresentados).....	X



INTRODUÇÃO

O presente relatório emergiu no âmbito do estágio profissional referente ao Mestrado em Educação, área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão da formação. O seu campo de atuação foi um Agrupamento de Escolas do Distrito de Braga. Este projeto incidiu especialmente na escola sede deste agrupamento, tendo como destinatários as turmas correspondentes a esta escola, mais em concreto, os seus diretores de turma e encarregados de educação. A escolha da instituição deveu-se a uma parceria institucional, a direção do agrupamento manifestou disponibilidade e necessidade de intervenção no plano da relação escola-família, facilitando a realização do estágio que procuramos dar conta neste relatório.

Os pressupostos da relação entre escola-família, amplamente estudados ao longo dos tempos (Guzzo: 1990; Diogo: 1998; Oliveira: 2002), mostram-se como desafios para elaborar uma intervenção interessante. Com as transformações ocorridas nos últimos anos, importa refletir sobre esta dinâmica, na medida em que, num país em crise, é agora crucial a envolvimento de todos os agentes socializadores na formação daqueles que são o futuro do país.

Mais do que nunca é crucial refletir numa relação mais próxima entre escola e família. Ao longo dos anos, este assunto foi bastante discutido e temos vindo a assistir a um maior envolvimento da família nas decisões escolares, porém, há ainda um longo caminho a percorrer, até que ambas as partes trabalhem cooperativamente, sem acusações de parte a parte. Neste seguimento, Diogo (1998) mostra a pertinência do assunto, dando conta da abundância de produções bibliográficas sobre a eficácia da escola, apontando o envolvimento parental como um dos parâmetros fundamentais.

Nesta linha de pensamento, a principal finalidade deste projeto foi proporcionar uma atmosfera comunicacional entre escola e família, no sentido de repensarem a sua relação. É tendo como ponto de partida esta finalidade que, o presente relatório se intitula de *A Mediação Socioeducacional como espaço de emancipação comunicacional na relação escola-família*, na medida em que procurou desenvolver um espaço de reflexão e criar a oportunidade de desenvolver a relação escola-família.

Em termos metodológicos consideraram-se os pressupostos da Investigação-Ação na forma de intervenção, uma vez que se trata de um processo de pesquisa e intervenção sobre uma determinada realidade, interagindo com ela de forma simultânea com a construção de conhecimento. Assim, considerou-se o recurso a diferentes instrumentos e técnicas de recolha e tratamento de dados (inquéritos por questionário, diários de comunicação, sessões de comunicação, leituras e consultas de documentos, análise de conteúdo, conversas informais).

Para uma melhor compreensão de todo o trabalho desenvolvido, este relatório encontra-se dividido por secções. Assim, a secção destinada ao Enquadramento Contextual do Estágio contempla a caracterização do local de estágio, bem como os procedimentos utilizados para a integração neste, a caracterização do público-alvo (necessidades, motivações e expectativas) e a apresentação da área/problemática de intervenção/investigação.

Na secção do Enquadramento Teórico são apresentadas outras experiências/investigações sobre a temática da Mediação Educacional. Nesta secção também são abordados os principais referentes teóricos (Mediação Socioeducativa, relação escola-família), bem como os seus contributos para a intervenção/investigação. De um modo geral, nesta secção, é abordado a relação entre os conceitos de mediação, educação e relação entre escola e família, focando a evolução da mediação e valorização desta relação na formação de cidadãos.

Na secção que diz respeito ao Processo Metodológico são identificados e justificados os objetivos e a metodologia de intervenção/investigação, bem como os recursos mobilizados e as limitações do processo. A secção da Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/Investigação é dedicada à apresentação, interpretação e discussão dos resultados, fazendo uma descrição retrospectiva das atividades desenvolvidas e interpretando, numa perspetiva crítica, os resultados, de forma a fazer uma avaliação final do estágio. Na secção seguinte apresentam-se as Considerações Finais, fazendo-se uma análise crítica dos resultados e também das implicações do estágio a nível pessoal, profissional, institucional e de conhecimentos para a área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão da Formação. As restantes secções são dedicadas às Referências Bibliográficas e aos Anexos.

1. A MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA – O CONTEXTO DO ESTUDO

1.1 A COMUNIDADE ESCOLAR – O CONTEXTO

1.2 A COMUNIDADE ESCOLAR – O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

1.3.MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA: DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE
INTERVENÇÃO

1.4 NECESSIDADES, MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS

1.5 A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: DIAGNÓSTICO DE
NECESSIDADES/INTERESSES

1.6 A MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO
COMUNICACIONAL NA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: FINALIDADE E
OBJETIVOS

1.7 RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: PROBLEMÁTICA DE INTERVENÇÃO

1. Mediação Socioeducativa - O Contexto do Estudo

Apresentação

Este capítulo situa o contexto da Mediação Socioeducativa num projeto de intervenção com o intuito de potenciar a relação escola-família. Esta temática tem sido já abordada por diversos autores e tem sido alvo de reflexão permanente, enquanto acompanhamos as políticas educacionais decorrentes de um país em transformação, compadecido pela atual crise económica e social que vivemos.

Ao longo do desenvolvimento deste capítulo, é-nos dado a conhecer o contexto de intervenção, no sentido de melhor enquadrarmos a pertinência e potencialidades da mesma. São caracterizadas as necessidades do público-alvo e reflete-se sobre as perspetivas de intervenção junto do mesmo.

A perceção das dificuldades de inserção no grupo de intervenção são alvo de reflexão neste capítulo, procurando demonstrar os limites e potencialidades da intervenção.

1.1. A COMUNIDADE ESCOLAR – O CONTEXTO

A escola na qual foi realizada a intervenção entrou em funcionamento no ano letivo de 2004/2005, integrando 16 turmas do 5º ao 8º ano de escolaridade, num total de 334 Alunos. A população escolar do Agrupamento é constituída por crianças/alunos desde o Pré-escolar até ao 3.º Ciclo do Ensino Básico. O Projeto Educativo do Agrupamento de 2011/2013 apresenta como metas:

- 1. Formar para o pleno exercício da cidadania.*
- 2. Contribuir para a formação científica, técnica e profissional dos alunos.*
- 3. Dinamizar o agrupamento, rentabilizando os seus recursos humanos, físicos e materiais.*

Estas três metas comportam a uma atuação dentro de todo o agrupamento, no entanto, é importante referir que as atividades inerentes à intervenção decorreram na escola sede do Agrupamento. A concretização das atividades de intervenção aconteceram na escola sede do agrupamento, contudo tendo em consideração que as metas do Projeto Educativa aqui apresentadas, se referem ao Agrupamento, este será aqui considerado na sua unidade.

Segundo o último relatório de avaliação interna disponibilizado para consulta, o número de alunos tem vindo a diminuir nos últimos três anos letivos, integrando, neste ano, 844 alunos distribuídos por 43 turmas, sendo este número ligeiramente inferior ao registado no ano letivo de 2010/2011, onde frequentavam o agrupamento 901 alunos, distribuídos por 45 turmas. Estes dados são relativos a todo o Agrupamento e caracteriza todos os anos escolares, desde o pré-escolar até ao 3º ciclo, não descurando os cursos EFA e CEF, como tivemos oportunidade de constatar no relatório de avaliação interna, cedido pela escola.

No ano letivo 2011 / 2012, o total de 844 alunos encontravam-se distribuídos pelos diversos anos letivos, desde o pré-escolar (120 alunos – 7 grupos), o 1º ciclo (268 alunos – 15 turmas), o 2º ciclo (210 alunos – 10 turmas), 3º ciclo (232 alunos – 11 turmas) e EFA Secundário (14 alunos – 1 turma). A reflexão sobre estes dados mostra-se concernente quando pretendemos melhor definir o grupo de intervenção/investigação, levando em consideração as balizas temporais e as condições possíveis de realização da mesma.

A escola engloba ainda um conjunto de projetos que propendem o cumprimento dos princípios e metas definidos pelo Agrupamento no seu Projeto Educativo, uma vez que complementam a formação técnica, científica e profissional dos seus alunos, não negligenciando a formação para o pleno exercício da cidadania. Estes projetos vão desenvolvendo as suas ações ao longo do ano letivo e têm metas próprias que procuram responder e expandir às determinadas pelo projeto educativo. O Projeto Cidadania, Projeto Segurança / Não à violência, o Projeto de Saúde e Educação Sexual e a Equipa Disciplinar demonstram o caráter interventivo e potenciador da comunidade escolar perante os desafios de uma cidadania ativa e participativa.

A intervenção no âmbito da Mediação Socioeducativa procurou valorizar e enriquecer-se com a ação destes projetos, procurando partilhar objetivos e valores com os mesmos, não descurando que os mesmos direcionam a sua ação para a formação da cidadania dos alunos. Estes projetos foram apresentados numa reunião inicial, onde se puderam perceber as suas dinâmicas de atuação, as suas potencialidades e fragilidades. Esta reunião facilitou a integração no contexto de intervenção e proporcionou evidenciar a abertura da escola para refletir sobre as potencialidades de uma projeto de intervenção num âmbito considerado sensível, ou seja, no âmbito da relação escola-família.

1.2. A COMUNIDADE ESCOLAR – O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

O estágio é uma importante fase da vida académica, pois é uma das principais etapas de preparação para o exercício de uma profissão, uma vez que proporciona o contacto com o dia-a-dia das instituições. Assim, o estágio tem por finalidade permitir ao estagiário/a uma inserção em ambiente real de trabalho e em funções relacionadas com a sua área de formação.

Esta grande oportunidade de aprendizagem foi possibilitada por um Agrupamento de escolas do distrito de Braga, que durante nove meses, acolheu este projeto, demonstrando acreditar na pertinência do mesmo no seu contexto. A possibilidade de usufruir de um contexto real para aplicar os conhecimentos adquiridos no primeiro ano de formação, foi, ainda que com os contratempos e dificuldades inerentes, uma oportunidade impar. De resto, além da aplicação dos conhecimentos, o desenvolvimento destes ganha destaque neste desafio.

Numa fase inicial da intervenção, o principal objetivo prendeu-se com o conhecimento do contexto, procurando criar laços de confiança. A recolha e análise de documentos e informações sobre a escola, a sua organização e dinâmica (funcionamento, espaços disponíveis, recursos materiais, financeiros e humanos, prioridades e objetivos), bem como a apropriação da cultura da mesma foram momentos cruciais para a validação da intervenção.

Foi privilegiada a acessibilidade a alguns documentos e espaços/contextos da atividade quotidiana da prática educativa, tais como:

- Leitura e análise de documentos formais da escola (consulta do Projeto Educativo, do Regulamento Interno e Plano anual de atividades),
- A observação participante (reuniões com os responsáveis pelos diferentes departamentos e projetos da escola), concedendo a oportunidade de conhecer os projetos em curso na escola, bem como a intervenção em reuniões, com vista a melhor compreender o que estava em análise, bem como para dar sugestões e, ainda, explorar as oportunidades concedidas pelas conversas informais (a compreensão do funcionamento e dinâmicas dos diversos projetos), percecionando necessidades e possibilidades que permitissem delinear um projeto de intervenção.

O acolhimento e disponibilidade manifestos pela escola motivaram para retribuir tal oportunidade e recetividade, valorizando e potenciando a delineação de um projeto

que permitisse colocar em prática e desenvolver os conhecimentos teórico-práticos trabalhados ao longo de um percurso curricular, bem como ir de encontro às necessidades mais emergentes da escola, granjeando delinear uma intervenção capaz de lhes dar resposta.

A facilitação dos recursos necessários ao desenvolvimento da intervenção foram propósitos importantes para a conclusão da mesma, coadjuvando a integração e sobretudo motivando ao sucesso da intervenção. A constatação das dificuldades de uma integração no contexto escolar, devido à dimensão e elevado número de pessoas, foram latentes ao longo do processo, porém a integração mostrou-se valorizada, superando expectativas.

A participação em reuniões inerentes à organização do ano letivo, permitiu compreender algumas das dinâmicas de atuação da escola e daqui decorre o processo de diagnóstico para identificar e refletir sobre as necessidades e qual o tipo de atuação que melhor se adequa ao desenvolvimento do projeto de intervenção a propor. A identificação das necessidades, motivações e expectativas concorreram para facilitar a integração no contexto de intervenção, devido à proximidade com que decorreram.

1.3. MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA – DELIMITAÇÃO DO CAMPO DE INTERVENÇÃO

O projeto *A Mediação Socioeducativa como espaço de emancipação comunicacional na relação escola-família* foi delineado numa perspetiva holística, reflexiva e crítica no contexto educativo da escola sede, englobando o universo de 20 turmas, propondo uma intervenção orientada para Diretores de turma e Representantes de Encarregados de Educação de cada uma das turmas. Os objetivos desta intervenção propuseram alcançar uma mudança de estratégia na comunicação escola-família, integrando o maior número de encarregados de educação, diretores de turma e outros agentes educativos, que pudessem contribuir para o sucesso do objetivo geral.

Um projeto revela-se com a finalidade de desenvolver um plano de investigação e intervenção que permita ir de encontro às necessidades e interesses do um determinado grupo, contexto, ambiente humano, ou seja, de um grupo de

intervenção/investigação, levando em consideração as suas características e especificidades, concedendo resposta às suas necessidades.

Na medida em que é na fase exploratória que “o investigador adquire um conhecimento teórico e concreto do seu objeto de estudo, sem o qual não poderia progredir e ao qual irá constantemente recorrer ao longo das fases posteriores” (Quivy & Campenhoudt, 1992:85), entendeu-se pertinente realizar um diagnóstico de necessidades de forma a conhecer os problemas, interesses e motivações dos destinatários deste projeto. Assim, socorremo-nos de uma metodologia de cariz qualitativo, alicerçada em pressupostos de investigação-ação participativa pois esta permite o recurso a um tratamento descritivo e interpretativo/compreensivo dos dados, a partir de acontecimentos, verbalizações, perceções, opiniões, discursos, gestos, experiências, práticas, entre outros. Neste sentido, nesta fase inicial foram utilizados os seguintes processos de recolha de dados, permitindo o diagnóstico das necessidades do público-alvo:

1.3.1 Análise documental e bibliografia

Para a realização desta intervenção, foi necessário recorrer à colaboração daqueles que já fizeram estudos mais aprofundados acerca da temática abordada. Por isso, as leituras e pesquisas bibliográficas tiveram como objetivo primordial “assegurar a qualidade da problematização” (Quivy & Campenhoudt, 1992:47), permitindo compreender melhor todas as especificidades relativas ao tema e ao público-alvo. A informação contida nos documentos poderá não permitir respostas inequívocas e completas às nossas questões, porém, através uma análise atenta e orientada, podemos retirar interpretações que permitem atribuir sentido às questões.

No âmbito desta intervenção, a análise documental justifica-se por se tratar de documentos formais da escola que nos permitem conhecer as práticas e regulamentos do grupo de intervenção, concedendo a oportunidade de atribuir rumo e significado à intervenção.

A análise de documentos da escola, solicitados com o intuito de encontrar referências à discussão de problemas, ambientação com a realidade e análise da participação dos encarregados de educação na vida escolar, permitiu delinear a intervenção.

Para a concretização deste projeto, como referimos, foi necessário obter, complementar e cruzar informações, pelo que tivemos a possibilidade de proceder à leitura e análise dos seguintes documentos: o Projeto Educativo, o Regulamento Interno, Relatório de avaliação interna 2010/2011 e documentação dos projetos desenvolvidos na escola (essenciais à caracterização e compreensão do contexto) e os relatórios de avaliação de atividades já realizadas (fundamental para a delineação de futuras intervenções).

A análise dos relatórios de avaliação de atividades, facilitou ainda compreender a participação da família nas atividades propostas pela escola, acabaram a ser significativos na reflexão e criação de formas de motivar / potenciar a aproximação escola-família.

1.3.2 Observação

A observação foi uma estratégia importante no processo de recolha de informações, não só na fase inicial como ao longo de todo o processo. Ao longo do mesmo, foram privilegiadas diferentes intensidades de observação, pois numa fase inicial de integração e identificação de necessidades, a observação não participante acabou por ser a estratégia mais indicada para conhecer a realidade a intervir.

A observação não participante, como refere Quivy e Campenhoudt, 1992:165, “é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados, apelando diretamente ao seu sentido de observação”. No decorrer da intervenção houve a oportunidade de participar numa reunião da Associação de pais, bem como uma reunião de Diretores de Turma. Nestas reuniões foi possível registar, utilizando o diário de campo, observações, informações, reflexões, bem como impressões, que auxiliaram na delineação de estratégias.

Para além da observação direta não participante, privilegiou-se a observação direta participante, para que se pudesse ter acesso ao significado que os participantes atribuíam às situações vividas. Iturra (1986:149) considera que a observação participante “é o envolvimento direto que o investigador de campo tem com um grupo social que estuda dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo”. A dinamização de duas sessões com diretores de turma, uma sessão com representantes de encarregados

de educação, bem como interação com diversos agentes educativos, permitiram reunir dados para a concretização da intervenção.

Tendo em consideração que esta intervenção se enquadra na Mediação Socioeducativa, a ação e intervenção procuraram sempre ir de encontro as necessidades manifestadas ao longo do processo, sendo a observação participante crucial no mesmo. Assim, esta técnica permite uma aproximação aos participantes, estabelecendo laços de confiança que lhes permitia exprimir sentimentos, desejos, inquietudes e sobretudo expectativas. Estas últimas, permitiram a procura uma intervenção futura que fosse capaz de responder às mesmas.

Esta observação possibilitou identificar situações que ditavam ajustes à intervenção, processo comum em intervenções no âmbito da mediação. As reflexões e constatações de valorização da intervenção foram percecionadas através de uma observação cuidada e atenta nas necessidades do grupo.

Foram reconhecidas a falta de disponibilidade para debater as questões da relação escola-família, pois ainda que fosse atribuída importância à mesma, mantinha-se alguma desresponsabilização, motivando a que ambas as partes solicitassem a atuação da outra no sentido de mudar algo.

1.3.3 Conversas Informais

As conversas informais com os diferentes agentes educativos (encarregados de educação, professores e funcionários), tal como a observação, foram o grande ponto de partida para a conceção do projeto *A Mediação Socioeducativa como espaço de emancipação comunicacional na relação escola-família*. Esses meios de avaliação diagnóstica permitiram perceber que seria crucial uma intervenção no âmbito da relação escola-família. Tivemos oportunidade de constatar que é transversal a preocupação em melhorar a comunicação entre a escola e a família. Se professores, Diretores de Turma, direção pedagógica e outros membros da representação da escola, se mostram interessados em melhorar a comunicação com os encarregados de educação, estes demonstram considerar que o trabalho com professores e Diretores de Turma, se afigura benéfico para o desenvolvimento da formação dos alunos/educandos, pois facilita e enriquecimento do trabalho de ambas as partes.

Este contacto direto, bem como o contacto informal com alguns colaboradores da escola revelou-se crucial nesta primeira fase, visto que através dele foi possível ouvir

e organizar as informações. Com base na realidade social analisada, conseguiu-se definir os objetivos gerais e específicos do projeto, tendo por base a Mediação Socioeducativa aplicada ao contexto escolar e com a motivação de proporcionar canais de comunicação entre escola e família.

1.4 NECESSIDADES, MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS

Conceber um projeto, sobretudo de caráter interventivo, exige um grande trabalho de análise (ao nível do contexto e do público-alvo) e de reflexão/ponderação (ao nível da escolha dos métodos, técnicas e estratégias e ao nível da preparação das atividades). Por isso, uma das etapas mais decisivas na elaboração de qualquer projeto é a fase de diagnóstico de necessidades, uma vez que todas as informações recolhidas nesta fase são fundamentais para identificar/determinar e fundamentar os objetivos, bem como para planear adequadamente uma intervenção na realidade pretendida, adaptando-a o melhor possível às necessidades reais sentidas pelo público-alvo.

Entenda-se aqui que é de extrema importância avaliar e observar aprofundadamente o contexto e as suas reais necessidades, para que possamos concretizar um projeto que efetivamente dê resposta a essas necessidades e ao que é proposto desenvolver. Neste sentido, Guerra (2000:131) afirma mesmo que “[...] um bom diagnóstico é garantia da adequabilidade das respostas às necessidades locais e é fundamental para garantir a eficácia de qualquer projeto”.

Avaliando a extensão do grupo, composto por todas as turmas do Agrupamento, impôs-se a necessidade de uma abordagem focalizada, procurando dar resposta às necessidades numa baliza temporal passível de concretização. A materialização do projeto comporta à escola sede do Agrupamento, a intervenção e concretização da ação concentrou-se no grupo de alunos, encarregados de educação e professores que integram esta escola.

Sendo a escola sede do agrupamento privilegiada para esta intervenção, evidenciou-se pertinente englobar um grupo que enquadrasse as turmas dos níveis de ensino nela lecionados. Esta intervenção leva em consideração as metas delimitadas pelo agrupamento no que concerne à responsabilização dos Encarregados de Educação face ao percurso escolar dos seus educandos, aumentando em 10% a participação

voluntária na vida da escola, sendo um dos âmbitos da mediação. A delineação de um projeto de mediação neste âmbito, cujo objetivo consistiu em desenvolver a relação escola-família, motivando a que as partes tivessem oportunidade de refletir sobre esta relação e daí motivar ações que resultem numa maior aproximação e participação nas dinâmicas escolares.

Conhecidos os constrangimentos e limites temporais, importou selecionar um grupo que pudesse ingressar o projeto de mediação, ainda que futuramente o projeto se possa estender aos restantes, pois as sessões delineadas poderão eventualmente ser alargadas a toda a comunidade escolar. Assim, e tendo em consideração a meta respeitante à relação escola-família, entendeu-se ajustada uma intervenção com os representantes dos encarregados de educação de cada turma, pois permitiu a elaboração de uma estratégia que implicou todos os Encarregados de Educação de forma indireta, com intenção de gerar ambientes capazes de os capacitar para a resolução de problemas e desenvolver competências de comunicação com a escola.

Atendendo ao facto de que a mediação é um campo novo no contexto da realização desta intervenção e que a instituição onde este se desenvolveu, definiu como meta primordial para este ano letivo, a aproximação da escola à família, não foi desajustado que esta intervenção visasse o trabalho com os alunos, considerando-se que estes são o elo de ligação entre as duas valências.

Com o decorrer das atividades de intervenção, houve oportunidade de compreender que uma atuação ao nível dos Diretores de turma poderia afigurar-se como bastante pertinente. Se numa primeira análise a delineação da intervenção concretizasse ações direcionadas para vários públicos (alunos, Diretores de Turma e representantes de Encarregados de Educação), a verdade é que com desenrolar da ação e melhor domínio e integração no contexto, pôde-se compreender a necessidade de focalizar a intervenção nos Diretores de turma.

O enfoque da intervenção são as relações escola-família, porém, um dos pontos convergentes a este interesse foi o desenvolvimento dos alunos, apresentando-se como uma mais-valia para uma comunicação adequada e pertinente entre a sua família e a escola. Dos alunos, decorrente do processo de mediação e do fortalecer das relações escola-família, conjeturou-se que saíssem beneficiados, que atribuíssem utilidade e compreendessem a importância dessa relação.

Uma intervenção no campo da mediação leva em conta o processo, mas também os mediados que dele fazem parte, pelo que não nos poderão passar alheias as especificidades do grupo e adequar a intervenção ao mesmo.

No decorrer da intervenção, impôs-se a necessidade do envolvimento dos encarregados de educação, visto ser esta a meta primordial de atuação para o desenrolar no ano letivo na escola. Em cada uma das turmas, há sempre um encarregado de educação que assume o cargo de representante da turma do seu educando e que por isso deve zelar pelo bem de toda a turma, pelo que, em concordância com os representantes da escola, entendeu-se ser pertinente uma atuação a este nível. Assim, o desenvolvimento do projeto de mediação compreendeu uma estratégia de valorização da comunicação, trabalhando com este grupo, a questão da representação e clarificando os seus papéis enquanto representantes de um grupo.

A valorização do papel de outro dos representantes das turmas, o Diretor de Turma, é concertante, sendo este o meio de comunicação privilegiado dos encarregados de educação para comunicar com a escola e acompanhar o desenvolvimento pedagógico e social dos seus educandos. Este, para além de fazer a ponte de comunicação entre a escola e a família, é também quem assume o papel de representação dos restantes professores da turma e gere todo o processo comunicacional que envolve a turma.

A clarificação dos papéis que cada um destes assume perante o cargo para o qual foi eleito, torna-se pertinente, na medida em que só conhecendo e refletindo sobre as potencialidades, direitos e deveres destes papéis, existirá a possibilidade de cada indivíduo desenvolver esse mesmo papel segundo os objetivos do mesmo. “Enquanto instrumento de ação crítica, a reflexão reconhece e denuncia tensão entre o mundo como ele é e como poderia ser...” (Vieira, 2006:17), pelo que se afigurou pertinente levar estes representantes a refletir sobre a sua atuação e motivá-los para que essa possa ser melhorada em benefício da turma que representam.

Parece tornar-se concernente que a mediação possa motivar e facilitar o cumprimento da meta descrita no Projeto Educativo, desenvolvido para 2011/2013, referente aos Encarregados de Educação, sobretudo se tivermos em consideração a importância do papel dos representantes dos encarregados de educação da turma neste âmbito. O papel do representante dos encarregados de educação é normalmente pouco clarificado, isto é, os encarregados de educação que o assumem, não compreendem o papel que representam e desconhecem as tarefas inerentes a esta representação.

Porém, este papel ocupa um lugar de destaque quando falamos em relação escola-família, sendo este o representante das famílias perante a escola, pelo que é de extrema importância atender na clarificação deste papel. Assim, com recurso à mediação e levando esta premissa em consideração, mostrou-se pertinente desenvolver uma intervenção facilitadora do aperfeiçoamento de competências comunicacionais e que co-responsabilizasse os representantes para o cargo que ocupam. Este baseia-se “numa racionalidade comunicacional no sentido em que reenvia para o pôr em discussão atos de linguagem de forma a tornar possível a compreensão mútua entre atores” (Bonafé-Schmitt *cit in* Moreira & Costa e Silva, 2009: 23), sendo esta compreensão que se pretendeu alcançar ao longo desta intervenção, visando a compreensão e comunicação entre a escola e a família. Entendeu-se que a co-responsabilização do papel que assumem perante uma turma pudesse ser uma forma privilegiada de comunicação com o restante grupo, pelo que foi pertinente e benéfico fomentar os desígnios desse papel e potenciar as capacidades de comunicação com os outros. Para além disso, motivar os Encarregado de Educação, desde logo, para o contacto com a escola, nomeadamente clarificando o papel do Diretor de turma e promovendo a sua participação, mostrou ser uma das estratégias facilitadoras da participação dos Encarregados de Educação ao longo de toda a evolução escolar dos seus educandos.

Mais acresce que não só é importante a tomada de consciência do papel que ocupam os representantes dos encarregados de educação, como também parece ser crucial motivar os Diretores de Turma para o trabalho em conjunto com estes responsáveis, para que de facto se possa motivar para uma relação mais próxima entre a família e a escola.

O trabalho com os atores aqui identificados (representantes dos encarregados de educação e Diretores de Turma) propendeu uma intervenção que facilitasse os processos de comunicação entre escola e família, através da resolução e gestão alternativa de conflitos, regulamentando e recompondo pacificamente as relações existentes entre as partes. O que se propôs foi uma intervenção que motivasse as partes a refletir sobre a relação que têm com a outra e perspetivar soluções para uma reconstrução das interações interpessoais e sociais até aqui inexistentes ou capazes de responder às necessidades reclamadas. O fortalecer destas relações integra-se no domínio da Mediação Socioeducativa e como tal foi objetivo desta intervenção o restabelecimento

das relações entre escola e família, procurando desenvolver competências comunicacionais nos representantes de turma.

Com o objetivo de delinear uma intervenção capaz de alcançar os pressupostos da Mediação Socioeducativa, fortalecendo laços e respondendo às necessidades dos atores, foi necessário fazer um diagnóstico da realidade a intervir. Esta fase é imprescindível para que possamos conhecer o público-alvo, bem como as suas necessidades. Só assim se consegue delinear uma intervenção capaz de dar resposta aos seus anseios.

1.5 A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES/INTERESSES

Entende-se que o diagnóstico de necessidades/interesses, sendo um ponto bastante importante para o desenvolvimento deste e de qualquer outro projeto, ganha pertinência quando é feito em contacto com o contexto real e tendo em consideração as necessidades/interesses que os responsáveis pela instituição vão identificando. Como tal, este processo permite elucidar para a conformidade de uma intervenção nas necessidades/interesses identificadas, não descurando da observação feita aquando do contacto com a realidade alvo de intervenção.

Numa primeira fase de observação e contacto inicial com a escola, uma vez que a análise de necessidades se mostra como “instrumento fundamental no quadro da planificação e de tomada de decisão...” (Mckillip, 1987; Stufflebeam, 1985 *cit in* Rodrigues & Esteves, 1993) foram dadas a conhecer as suas dinâmicas de atuação e apontaram-se algumas necessidades que estes gostariam de ver sanadas, sendo que daqui decorre o processo de planificação da intervenção.

Assim, dentre as várias necessidades identificadas, a própria escola apresentou como momento crucial, como meta para este ano letivo de 2011/2012, o fortalecimento das relações com os encarregados de educação, motivando para uma aproximação destes à escola. Esta meta, apresentando-se como ponto importante no desenvolvimento das dinâmicas da própria instituição, não nos passa indiferente.

O fortalecimento dos laços entre escola e família foi o eixo gerador da proposta desenvolvida sob o fulcro da mediação. Suportados pelos princípios da mediação, foi objetivo deste projeto apresentar uma proposta que motivasse o desenvolvimento das

relações entre escola e família. A escola mostrou-se disposta a acolher um projeto que permitisse alcançar a confiança das famílias e que daí fundamentasse um ambiente de cooperação com vista ao sucesso dos alunos. Assim, o desenvolvimento e estreitamento dos laços entre escola e família, bem como a reconstrução dos laços de confiança foram os eixos geradores de toda a ação deste projeto.

Ao longo dos anos, temos vindo a assistir ao “jogo do empurra”, no que concerne às responsabilidades da família e da escola na formação dos alunos, ou seja, os limites de responsabilidade ainda hoje não estão perfeitamente claros, pelo que se continua a assistir a escolas que reclamam a participação dos encarregados de educação e estes que, por distintos motivos, responsabilizam a escola pela formação dos seus educandos. (Lourenço, 2008)

Analisado o relatório de avaliação do Agrupamento e a presença em reuniões, mostra-se necessária uma atuação ao nível do fortalecimento das relações entre a escola e a família. Esta preocupação com o envolvimento dos encarregados de educação nas dinâmicas escolares é observável em contactos formais e informais com os responsáveis da escola.

No mesmo plano e através de breves contactos com encarregados de educação, junto da Associação de pais do Agrupamento, pode-se constatar as dificuldades que os encarregados de educação mostram ter quando pretendem resolver algum assunto com a escola. Estas dificuldades foram apresentadas na reunião da Associação de Pais no início do ano letivo, nomeadamente a falta de um espaço de reunião adequado.

Ainda que numa primeira perspetiva se possa notar que a participação na reunião da Associação de pais, em número, ultrapasse as expectativas dos responsáveis, pois comparando com anos anteriores, compareceram muitos mais encarregados de educação. Continuando a analisar a participação e porque esta não se resume ao marcar de presença, os encarregados de educação mostraram-se pouco participativos no geral, intervindo maioritariamente para apresentar algumas queixas.

Na realidade, também a postura descrente dos responsáveis acaba por influenciar o ceticismo no seu papel, motivando divisões que não deveriam existir, pois na formação da Associação de pais, também os representantes são pais e representam-nos, não deverão ser vistos como opositores, mas como membros da associação. Estas divisões dizem respeito à confusão do papel dos representantes da associação, pois os encarregados de educação parecem compreender os seus representantes como uma entidade em representação da escola, como tal, que merece alguma reserva. Ao observar

uma reunião da Associação de pais, pode-se perceber que quer representantes, quer representados se identificam de lados opostos, nunca perspetivando que deveriam reger-se pelo bem dos educandos e que todos trabalham com esse propósito, pois no desenrolar da mesma, vão diferindo observações de parte a parte, onde culpabilizam os outros pelos problemas e/ou necessidades das escolas.

A ausência de candidaturas para novas listas a assumir o comando da associação, bem como a solicitação de voluntários para as mesmas, mostra que, os encarregados de educação não demonstram atribuir importância à sua participação na constituição da Associação de pais. Esta indisponibilidade poderá apresentar vários motivos, não só respeitantes à postura dos encarregados de educação, mas também face à postura de quem solicita a sua participação, pois muitas das vezes atestam que caso não mostrem vontade em participar, estarão a patentear falta de interesse pelos seus educandos.

A aproximação escola-família afigura-se como uma necessidade que a escola reforça para que seja colmatada, e ainda que dúvidas houvesse, a equipa de avaliação interna do agrupamento realizou um relatório de avaliação, sustentado nas premissas de que algumas áreas necessitavam de intervenção, referiam que “...careciam de ser avaliadas uma vez que foram consideradas prioritárias como aspetos a melhorar...”, sendo estas:

- 1- *Participação dos Encarregados de Educação no acompanhamento dos seus educandos*
- 2- *Uso do computador Magalhães em contexto de sala de aula*
- 3- *Fatores que influenciam e condicionam o sucesso/insucesso dos alunos do 9º ano na realização dos Exames Nacionais de Português e Matemática” (Relatório de avaliação interna do Agrupamento de escolas, 2010)*

Neste relatório de avaliação, realizado no agrupamento e referente ao ano letivo transato, pudemos compreender que o agrupamento considerou pertinente refletir sobre a participação dos Encarregados de Educação no acompanhamento dos seus educandos, transformando-se esta preocupação em meta a incluir para o ano letivo seguinte.

Para além desta meta respeitante à participação voluntária dos Encarregados de Educação, a escola, através dos seus representantes, foi dando a perceber que existem outras dimensões que gostariam de ver melhoradas, ainda que estas sejam transversais a qualquer instituição de ensino. A ocorrência de conflitos entre alunos é uma preocupação que a escola tem e que vai de encontro à primeira meta orientadora do projeto educativo, isto é a promoção do pleno espírito de cidadania, educando os alunos para o respeito próprio, pelos outros, pelo espaço escolar e tudo o que o constitui, organizando a possibilidade de tornar mensurável o sucesso neste objetivo.

Afigura-se ainda pertinente auscultar os que mais envolvem o conflito, os alunos, pois serão eles quem melhor o compreendem. “As práticas sugerem que os indivíduos devem ser ‘ouvidos’. Ninguém conhece melhor os problemas e as soluções alternativas do que aqueles que as experimentam” (Rodrigues & Esteves, 1993: 23), pelo que levar em consideração a análise que os responsáveis pela escola fazem das necessidades é fundamental para projetar a intervenção, em particular no âmbito da mediação, que propõe os indivíduos capazes de estabelecer canais de comunicação que possibilitem identificar necessidades e encontrar formas de as ultrapassar.

Conceptualmente, as necessidades aqui identificadas mostram-se prospetivas, com a probabilidade de se manifestarem no futuro, pois tal como nos apresenta Zabalza (1998:60), os desígnios da educação deve levar em consideração o futuro, ainda que este considere que a escola continue a atualizar-se lentamente.

“A necessidade prospectiva também afecta, em grande medida, a organização do esboço curricular. A educação, sobretudo a que se dirige aos jovens alunos, tem que ser necessariamente pensada em termos de futuro (...) Apesar disto, a escola é muito lenta na sua actualização e, às vezes, fazem-se programas que mais parecem para o passado que para o futuro.”

Identificadas as necessidades/interesses, torna-se possível elaborar um plano de intervenção que vise dar-lhe resposta, mais concretamente a promoção da participação dos Encarregados de Educação na vida escolar dos seus educandos, bem como a fomentação das relações com a escola.

Sendo este um projeto de mediação e por isso é um “processo frequentemente formal pelo qual um terceiro imparcial (mediador), tenta através da organização de trocas de opiniões entre as partes...” (Silva & Moreira, 2009: 20) confrontar os pontos de vista de ambas e com elas alcançar uma solução para as suas necessidades. Assim, não se pretende que o mediador apresente soluções para a aproximação da família à escola, mas antes, este procure potenciar e proporcionar a comunicação entre as partes e daí estas alcançarem uma solução que as satisfaça.

O paradigma da mediação não comporta exclusivamente aquilo que vulgarmente entendemos como gestão de conflitos, pois a mediação assenta numa gestão das relações sociais, onde a “...racionalidade comunicacional...” (idem: 21) impera, não se apresentando instrumentada.

A delimitação de um plano através do qual orientamos a ação com vista a alcançar o objetivo do processo de mediação é fundamental, bem como, potenciar a interação entre as partes e motivando a que estas alcancem uma relação integrada e sustentada no ambiente escolar, reforçando os laços de confiança entre escola e família.

1.6 A MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO COMUNICACIONAL NA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: FINALIDADE E OBJETIVOS

Para Boutinet (1996) todo o projeto se desenvolve num ambiente muito complexo e de grande incerteza. No entanto, o projeto tem uma “visão otimista”, pois parte-se sempre para um projeto com o intuito de modificar algo, mudar no sentido de melhorar, de fazer algo diferente do que já foi feito. Assim, o projeto corresponde a "ações novas socialmente inéditas" (Barbier, 1996: 94) e complexas.

Esta é também uma das mais importantes perspetivas da mediação, isto é, ter oportunidade de colocar *inputs* que possibilitem modificar algo, procurando restabelecer laços, desenvolver canais de comunicação e colocar as partes em harmonia consigo mesmo e na relação com o outro. Esta intervenção procurou “transformar algo”, pelo que a delimitação desta pretendeu dar a conhecer de que forma a mediação pode apresentar vantagens no âmbito da aproximação dos Encarregados de Educação à vida escolar, procurando conceber dinâmicas que potenciem ou facilitem a aproximação da família à escola.

Sabendo que na elaboração de um dispositivo de mediação não podemos recorrer a uma planificação efetiva, fechada e prévia à intervenção, pois esta acompanha os mais diversos contextos, entende-se importante refletir sobre o que se pretende conhecer e porquê. Uma vez que a mediação não pressupõe a logicidade mas antes um processo de planificação em interação com os atores envolvidos que torna esta planificação adaptável conforme as necessidades sentidas em todo o processo.

Este projeto de mediação assume como objetivo potenciar a relação escola-família, motivando para uma relação mais próxima e participada, sendo esta uma necessidade que carece de intervenção. Como tal, mostrou-se necessário realizar uma intervenção que respondesse ao cumprimento do objetivo aqui proposto, nomeadamente com a criação de objetivos de intervenção, como o desenvolvimento de meios e

processos de melhoria da comunicação, acentuando a importância da mesma e criando oportunidades eficazes e eficientes para tal. Para além deste, a intervenção em mediação procurou concretizar experiências de comunicação e resolução de conflitos por meio de soluções apresentadas pelos próprios envolvidos, mais concretamente pelo representante dos encarregados de educação e diretor de turma de cada uma das turmas.

Qualquer intervenção ou projeto comporta momentos essenciais, sendo a definição e clarificação de objetivos um desses. Esta ação afigura-se vital, pois estes funcionam como um ponto de referência, um caminho, garantindo elevado rigor na estruturação do plano que se pretende desenvolver. Seguindo a mesma linha de pensamento, Gingas (1977, *cit in* Barbier, 1996:143) refere que “a identificação dos objetivos é o ponto fulcral da planificação e do desenvolvimento. Sem esses objetivos a planificação seria cega”. Deste modo, os objetivos deste projeto tiveram em consideração os dados recolhidos durante a fase de diagnóstico, tendo em conta as especificidades, as vontades, os interesses, as motivações e aspirações do público destinatário. Como defende Zabalza (1998: 45), os objetivos apresentam-se como um suporte para a qualidade e eficácia do processo, pelo que importa refletir sobre os mesmos, de forma a concretizar a ação.

“O fundamental é que os objetivos sirvam para o que devem servir: ser uma ajuda para desenvolver com maior qualidade e eficácia o processo educativo” e, ainda, “o estabelecimento dos objetivos supõe um processo de reflexão, de depuração e de explicitação do que se quer fazer.”

É importante referir que os objetivos se traduzem num conjunto de competências, capacidades, atitudes, conhecimentos, que devem ser adquiridos para que a meta seja possível e a ação de mediação concretizável. Assim, entendeu-se ajustada uma intervenção que motivasse o desenvolvimento da relação escola-família, de forma a responder à questão geradora desta intervenção.

Desta forma, apresenta-se os objetivos que ditam o processo intervenção e visam ser uma forma de estimular a relação escola-família, evidenciando-se serem alcançados através de propostas concretas de mediação.

Entendido que cada vez mais, em diferentes ambientes sociais, se houve que os encarregados de educação se alheiam da participação no desenvolvimento dos seus educandos e que a própria escola se dá conta da importância desta relação e da necessidade de aproximação entre as partes, mostrou-se pertinente colocar como finalidade deste projeto o reforço/o revitalizar desta relação, estimulando a comunicação

e interação entre a escola e a família. Como tal apresenta-se como dimensão primordial desta intervenção, que procura responder à seguinte questão geradora da intervenção:

- Como promover a comunicação escola-família, com significado e autenticidade motivando para uma relação mais próxima, responsável, partilhada e participativa?

Desta forma, entendeu-se crucial atender nos seguintes princípios que reforçaram a ação e procuraram legitimar e compreender a aproximação dos encarregados de educação à escola. Pelo que foi intenção nesta intervenção:

- Promover processos de melhoria da comunicação junto dos encarregados de educação;

- Desenvolver práticas de convivência social e promover espírito de cidadania;

- Fomentar a comunicação e resolução de conflitos por meio de soluções apresentadas pelos próprios envolvidos;

- Criar oportunidades para a comunicação entre representantes de turma e seus representados;

- Proporcionar uma tomada de consciência do papel cada turma, assumindo-se como meio de comunicação com os outros;

- Potenciar a reflexão e a partilha junto dos intervenientes de modo a aumentar o seu empenho, autonomia e conhecimento de forma a promover o seu desenvolvimento pessoal e interrelacional.

1.7 RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: PROBLEMÁTICA DE INTERVENÇÃO

Ao longo de todo o percurso de intervenção foi possível compreender a necessidade de intervenção neste contexto, percebendo a relação escola-família como uma vertente importante para o sucesso da formação dos alunos, bem como para o bom funcionamento da escola, enquanto elemento de uma comunidade. Tendo em consideração que a escassa participação dos encarregados de educação nas atividades escolares é uma necessidade identificada pelos representantes da escola e que motiva reflexões sobre tal em todas as reuniões, pôde-se observar a importância da melhoria da comunicação entre a escola e a família. Perspetivada esta necessidade, bem como a manifestação de melhorar as relações entre a família e a escola, entendeu-se pertinente o

desenvolvimento de uma intervenção neste âmbito. Pois, revelou-se um contexto repleto de possibilidades e oportunidades de interação comunicacional, capaz de possibilitar desenvolver uma comunicação responsável, partilhada, com significado e autenticidade (Viana, 2011a).

Aproveitando os desígnios de um estágio profissionalizante na área da Mediação e a constatação desta necessidade, pretendeu-se desenvolver um projeto que interviesse nesta temática, isto é, que desenvolvesse processos de melhoria da comunicação entre escola e a família.

A valorização das relações entre escola e família, não sendo uma preocupação nova, é sobretudo atual, na medida em que cada vez mais as escolas entendem a participação dos encarregados de educação como um ponto importante na colaboração para o sucesso da formação dos alunos seja no âmbito da formação técnica e científica ou na formação para a cidadania e desenvolvimento pessoal.

A relação escola-família tornou-se uma área de interesse crescente e um percurso de investigação que começou a ser construído em torno de várias linhas de pesquisa, entre as quais, a que se centra nas vivências de escola e na experiência pessoal e profissional dos professores e alunos. O conhecimento da escola e desse mundo profissional tem conduzido à identificação de problemas e ao questionamento dos contextos organizacionais na sua relação com os posicionamentos da família em relação à escola.

No caso do presente projeto de mediação, situado no contexto de uma escola de 2.º e 3.º ciclos do ensino básico, mostrou-se pertinente a realização de uma investigação/intervenção centrada no envolvimento dos encarregados de educação na escola, proporcionando ambientes/interações potenciadoras de comunicação entre a escola e a família. O aumento da participação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos é premissa para uma maior aproximação e estreitamento dos laços entre a família e a escola.

No entanto, a relação escola-família, não é unidimensional, é antes pluridimensional, pelo que importou, no desenvolvimento desta intervenção, que se promovesse a reflexão sobre o papel do diretor de turma, enquanto meio privilegiado de contacto com os encarregados de educação e como interlocutor-chave entre a escola e a família. Como tal, procurou-se ao longo do processo de mediação compreender como os atores-professores e encarregados de educação experienciam, constroem e perspetivam o envolvimento dos encarregados de educação na escola.

Quando falamos em Mediação, logo compreendemos que a sua caracterização não se mostra fácil e que é necessário um estudo minucioso para compreender o alcance da mediação. O contributo da Mediação em contexto escolar intervém não só no sucesso dos alunos, mas contempla também toda a envolvente associada aos processos educativos.

Com a prática da Mediação, aprende-se, por exemplo, a acolher de forma respeitosa e afável; a comunicar e a escutar ativamente, mostrando interesse, empatia, perguntando pelas preocupações de ambas as partes (escola-família) dando a entender que se percebe a perspetiva e mais do que isso, que está disposto a colaborar, que se interessa e que se preocupa com a formação dos alunos/educandos.

Assim, a possibilidade de colocar em prática e ter contacto privilegiado com a realidade foi bastante importante e pertinente no âmbito da continuidade da formação na área de especialização de Mediação Educacional e Supervisão da formação, pois permitiu perceber que uma formação completa, só o é se conseguirmos aliar um bom quadro teórico-conceitual a um conhecimento de varias técnicas, métodos e estratégias que possibilitam o desenvolvimento de uma intervenção com alguma segurança e conforto, acrescentando as probabilidades de ter sucesso.

Até alcançar o sucesso, muitas pedras se colocam no caminho, pelo que é preciso colocar em prática as aprendizagens da mediação. Uma intervenção de mediação faz-se no contexto, com as necessidades que vão surgindo e a adaptação às mesmas. Com estas pedras (situações imprevistas, dificuldades) sucede o mesmo, precisamos saber recolhê-las e seguir as pistas (necessidades, aspirações, etc...) que cada uma delas traz e assim construir o castelo (sucesso da intervenção).

Com esta breve analogia podemos compreender que, ao longo da intervenção, procurou-se colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos durante a formação académica, tendo sempre presente os objetivos específicos desta área de especialização:

- *Proporcionar um conhecimento fundamentado e problematizador de teorias e práticas de mediação educacional e supervisão na formação nos diversos contextos de intervenção profissional;*

- *Desenvolver modelos e dispositivos concetuais e metodologicamente adequados a programas e projetos, em contextos de intervenção em formação, supervisão da formação e mediação;*

1. Mediação Socioeducativa - O Contexto do Estudo

- *Desenvolver metodologias de investigação em educação ajustadas ao estudo de e à intervenção em processos de mediação educacional e supervisão da formação;*
- *Habilitar para o exercício autónomo de funções de mediação educacional e supervisão da formação. Supervisão na Formação.*

Ao longo do estágio, para além de levar em consideração os objetivos da área de especialização em Mediação Educacional e Supervisão da formação, foram considerados os objetivos do projeto educativo da escola, para que a intervenção concretizada fosse de encontro aos interesses da escola.

2. A Mediação Socioeducativa Como Espaço De Emancipação Comunicacional Na Relação Escola-Família: Enquadramento Teórico

**2. A MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA COMO ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO
COMUNICACIONAL NA RELAÇÃO ESCOLA -FAMÍLIA:
ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

2.1 A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

2.2 O PAPEL DA ESCOLA E FAMILIA NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS

2.3 A MEDIAÇÃO NA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

2. A Mediação Socioeducativa Como Espaço De Emancipação Comunicacional Na Relação Escola-Família: Enquadramento Teórico

Apresentação

O contexto deste estágio, já aqui caracterizado, engloba uma série de organismos referentes ao meio escolar, pelo que uma intervenção neste campo sugere que clarifiquemos os distintos organismos que integram uma escola. Como tal, o que se pretende neste ponto é numa clarificação e reflexão sobre conceitos que importam nesta atuação.

Neste capítulo explicitamos o interesse e as questões do estudo. Identifica-se o referencial teórico da investigação, constituindo este a intenção de empreender uma investigação de referências contingentes e possibilitando a interpretação da relação escola-família.

Na medida em que a escola é um organismo que não pode funcionar independentemente dos restantes organismos sociais, uma vez que cabe a esta formar cidadãos que se querem interessados e conhecedores da realidade social, não podemos esquecer o papel da família na formação destes cidadãos.

2.1 A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

A relação escola-família é aqui questão central, pois se esta não fosse importante, não mereceria a importância que cada vez mais os responsáveis pelas escolas atribuem à parceria escola-família, como instrumento facilitador e motivador do desenvolvimento do aluno, objetivos primordiais de ambas as instituições.

Ora, é então claro que a formação de pessoas depende de uma harmonia em todos os agentes socializadores que contribuem para a sua formação e que para tal é necessário que os principais agentes socializadores tenham uma relação próxima, objetivando a plena formação do seu elo de ligação, ou seja o aluno/educando. Ganha forma e valor no desenvolvimento integrado e relacional do contexto, enquanto espaço cultural, plural e criativo (Viana, 2011).

Atualmente, a relação escola-família está muito presente no nosso quotidiano, no ambiente escolar, familiar, profissional ou político, mostrando ser progressivamente questão primordial para o sucesso escolar dos alunos da nossa sociedade. Entende-se que cada vez mais dela depende o futuro promissor dos nossos educandos/alunos o que,

segundo diversos estudos realizados por conceituados investigadores dos nossos dias, como Davies (1988 e 1989), Marques (1988, 1997 e 2001), Silva (1994, 2002 e 2003), entre outros, demonstram que os bons resultados académicos e as boas aprendizagens dos alunos se devem ao acompanhamento cuidado e atento, presente e delicado dos seus encarregados de educação e, concludentemente, a uma boa relação entre estas duas instituições fundamentais da educação dos futuros cidadãos plenos de cultura e conhecimento, a familiar e a escolar.

O debate vem em crescendo e organizam-se forças e estratégias que possam fortalecer esta relação entre escola-família, no entanto, ainda hoje se assiste à grande dicotomia nela presente, pois persiste a dúvida entre a abertura/retração da escola à família e vice-versa, pois a reação de uma parte, motiva a outra, gerando sentimentos de desconfiança e oposição. (Lourenço, 2008) Como se não bastasse, há ainda outro entrave a esta relação, pois ambas as partes consideram que as relações não são as melhores e acabam por culpabilizar a outra parte pelo fraco envolvimento na vida escolar dos alunos/educandos.

Apesar da existência de legislação que legitima a participação dos encarregados de educação no processo de ensino dos seus educandos, a realidade é que ainda falta percorrer caminho para que a participação dos pais/encarregados de educação seja uma realidade mais acentuada.

O papel da escola dá enfoque à formação de cidadãos com capacidades e esta é responsável pelo desenvolvimento cognitivo dos alunos, também é função desta instituição a formação de futuros adultos que ocupam o seu papel na sociedade. A escola deverá ser uma instituição que forma cidadãos e não apenas os habilita para uma função profissional.

2.2 O PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DE CIDADÃOS

Analisando o processo evolutivo da educação, vamos compreendendo que a escola, além de transmissão de conhecimentos técnicos, científicos e pedagógicos, é uma instituição social que deverá promover a formação de cidadãos plenos e participativos e preparar os mesmos para a vida adulta, seja no campo profissional ou

2. A Mediação Socioeducativa Como Espaço De Emancipação Comunicacional Na Relação Escola-Família: Enquadramento Teórico

peçoal. (Lourenço, 2008) Assim, a tarefa da escola não se esgota na transmissão de matérias, antes procura dotar os seus alunos de capacidades para aprender a aprender e inculcar o gosto pela aprendizagem, preparando-os para a vida em comunidade, pelo que deverá esta acompanhar as transformações sociais e integrá-las nas suas experiências.

A estas preocupações e metas que a escola não deve descurar na formação dos seus alunos, urge acrescentar compreensão mútua, entreajuda, harmonia e negociação entre todos os responsáveis pela formação de futuros adultos. Estes princípios afiguram-se bastante importantes para que se possa criar um espírito novo onde se aprende a partilhar, desenvolvendo o conhecimento transversal a tudo e todos. (Lourenço, 2008)

É crucial o envolvimento familiar no ambiente escolar se queremos formar cidadãos capazes e socialmente integrados, dotados de capacidades globais, que lhes permitirá responder coesamente aos desafios da sua vida pessoal, profissional e relacional. Pelo que é necessário que a escola e a família se encontrem num plano de maior enriquecimento de um mesmo objetivo comum, o sucesso dos alunos/educandos.

O conjugar de esforços entre família e escola com o objetivo de formar cidadãos, permite ao mesmo tempo que estes se sintam acompanhados e integrados numa envolvente harmoniosa, poderá influenciar uma prevenção de conflitos entre os alunos. Esta perspetiva fundamenta-se no facto de que se a relação entre os dois principais agentes socializadores da formação dos alunos não estão em consonância, mais facilmente eles entendem que o conflito será um processo normal, sendo que em alguns casos entendem que família e escola se encontram de lados opostos, impedindo que se formem numa atmosfera pacificadora e sobretudo colaboradora.

Autores como Alves e Leite (2005: 28-29), já haviam chamado a atenção para a importância da relação escola-família em função da motivação e sucesso dos alunos, pois na maioria das vezes o encarregado de educação só é chamado à escola por razões menos positivas, pelo que seria importante implicar o encarregado de educação quando o seu educando teve um bom aproveitamento, reforçando positivamente as suas aprendizagens. Este princípio foi distinguido por Alves e Leite (2005: 28-29), através da citação que se segue, onde estes demonstram a importância de assinalar pequenos triunfos do aluno.

2. A Mediação Socioeducativa Como Espaço De Emancipação Comunicacional Na Relação Escola-Família: Enquadramento Teórico

“É importante valorizar os pequenos esforços (...) uma das estratégias poderá ser a troca de mensagens entre o professor e o encarregado de educação, que visa assinalar os pequenos triunfos do aluno, quer ao nível da participação, do cumprimento dos deveres, quer ao nível do comportamento.”

Assim, tal como referido anteriormente na citação destacada, tanto escola como família são transmissores de ensinamentos, pelo que é importante o trabalho cooperativo entre escola-família, em que ambos comunicam e interagem com vista ao sucesso e desenvolvimento do aluno/educando.

“...é fundamental uma cooperação com a família. Um conhecimento mútuo, um diálogo fecundo. A escola (...) pode e deve conhecer o contexto familiar da criança para que a educação escolar possa ter em conta essa especificidade. E a família (...) pode e deve informar, pode e deve conhecer a organização escolar, os seus direitos e deveres, o programa educativo...”

No que concerne à participação, colaboração e envolvimento dos encarregados de educação no ambiente escolar, Marques (2001: 19) afirma que “Os estudos realizados (...) nas últimas três décadas, mostram que, quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar.” A mesma opinião é partilhada por Alves e Leite (2005: 9) quando referem que para que os processos de aprendizagem sejam mais ricos e para que os resultados dos alunos os espelhem, é necessária a cooperação entre a escola-família, ainda que esta exija trabalho.

“A cooperação escola-família-escola exige vontade, tempo, perseverança [...] é uma das condições essenciais para que os processos de ensino aprendizagem sejam mais ricos e [...] para que sejam melhores os resultados dos alunos.”

(Alves e Leite, 2005: 9)

A importância do trabalho cooperativo entre as duas partes é reforçada na visão de Montandon (2001: 159), quando diz que as atitudes dos pais em relação ao desenvolvimento dos seus educandos, reforçam o seu progresso pedagógico e psicossocial.

“[...]atitudes dos pais relativas ao seu trabalho na escola e o interesse que eles manifestam não podem senão exercer uma influência sobre as suas aprendizagens e os seus resultados. Muitos trabalhos tentam mostrar que a implicação dos pais na escolaridade do seu filho aumenta a probabilidade de este progredir de uma maneira óptima tanto no domínio das aprendizagens como das atitudes [...]”

2.3 A MEDIAÇÃO NA RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA

É precisamente nesta vertente das atitudes e na formação de cidadãos plenos e com capacidades de cidadania participativa, conhecedores e praticantes das normas e condutas socialmente estabelecidas que pretendemos integrar esta investigação. Ainda que seja verdade que a colaboração entre família-escola constitua um ponto crucial nesta intervenção, a verdade é que esta poderá ser trabalhada através do elo comum entre ambas as partes. Assim, pretende-se que se criem processos de comunicação entre família-escola, ao mesmo tempo que os alunos/educandos se sintam mais responsabilizados e encarem esta ligação entre as duas vertentes mais importantes da vida deles, como algo benéfico para a sua formação, sentindo-se acompanhados e integrados. Este sentimento de integração, deverá coresponsabilizá-los também pela criação de um ambiente harmonioso, quer no seio desta relação, quer na sua relação com os pares, contribuindo para uma cultura de paz entre estes membros da comunidade educativa.

Ora, se a mediação se apresenta como facilitadora dos processos de comunicação, bem como um meio de transformação das relações humanas, entendemos que esta possa colaborar neste âmbito de aproximação entre família-escola.

Ao contrário de outras formas de resolução de conflitos, a mediação apresenta-se como um processo voluntário que se recorre especialmente quando há interesse que essa ação surta efeitos para além do presente, possibilitando a manutenção de relações interpessoais pacíficas ou até mesmo amigáveis. Utilizando técnicas semelhantes à conciliação, a mediação procura respeitar ambas as partes, pelo que se recorre a esta quando pretendemos resolver divergências que motivem problemas de ordem relacional.

A mediação apresenta resultados mais duradouros, mais justos e mais equitativos do que qualquer outro processo, em parte devido, ao saneamento das causas profundas do conflito, daí resultando efeitos facilmente observáveis no comportamento futuro das partes sujeitas ao processo da mediação. De entre esses efeitos, salientamos a responsabilização, a cooperação cívica e o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, a par da recorrente ponderação de perspetivas diferentes da sua em diversos contextos, nomeadamente na interpretação textual em domínios académicos/curriculares.

2. A Mediação Socioeducativa Como Espaço De Emancipação Comunicacional Na Relação Escola-Família: Enquadramento Teórico

A mediação assume-se como um campo bastante vasto, sobretudo no que se refere ao seu campo de intervenção, uma vez que se pode estender à mediação escolar, familiar, comunitária, penal, educacional, entre outras. Esta última pode ser concebida enquanto método de gestão alternativa de conflitos, assim como meio de transformação das relações humanas. A figura do mediador apresenta-se como um elo de ligação às diferentes partes, motivando esses “coparticipantes no processo de mediação” (Torremorell, 2008: 81) a realizar o que se pode considerar “verdadeiramente uma tarefa em conjunto” (*ibidem*), de compreensão e gestão dos seus conflitos.

Uma das vantagens motivadas por este processo é que o mediador consegue facilitar a aproximação dos atores, contribuindo para “estabelecer ou fortalecer relacionamentos de confiança e respeito entre as partes” (Moore, 1998:28), além de que se propõe a fomentar o diálogo e a melhoria da comunicação, permite identificar realidades mais submersas ou ainda prevenir futuras situações de conflito. Por estes motivos, a mediação pode ser considerada um “método ideal para o tipo de conflitos em que as partes em confronto devem, ou pretendem, manter uma relação entre si”(Torrego, 2003:5).

A mediação possibilita, ainda, a desmistificação do carácter quase negativo que o termo *conflito* tem vindo a comportar e que ainda hoje predomina na sociedade. Esta visão mais negativa dificulta a perceção do mesmo como algo que é inevitavelmente “intrínseco ao ato de viver/conviver, [e que] faz parte da nossa história pessoal e social” (Gaspar, 2009:115). O conflito é, sem dúvida, um facto necessário à vida, pelo que funciona como ponto crucial para a evolução das pessoas e, por consequência, da sociedade, ou seja, é “uma das forças motivadoras do progresso social e um elemento criativo essencial nas relações humanas” (Arenal, 1989:26 *cit in* Jares, 2002:35).

Ainda que o conflito seja intrínseco à vida em sociedade, tal não significa que este não possa ser resolvido ou pelo menos atenuado, pois é partir da sua resolução que se assiste a um fortalecimento das relações humanas e motiva o crescimento e evolução pessoal e social. O que se verifica frequentemente é que o problema não se encontra no conflito mas, por outro lado, na forma como este é gerido. Existe, portanto, a necessidade de encaminhar o conflito tendo por base pressupostos mais democráticos e positivos, ao invés de focar uma perspetiva violenta e pouco promissora. Desta forma, torna-se urgente que os encarregados de educação e os representantes da escola, na

2. A Mediação Socioeducativa Como Espaço De Emancipação Comunicacional Na Relação Escola-Família: Enquadramento Teórico

figura de maior contacto com o encarregados de educação (diretor de turma) tenham conhecimento das atitudes que fomentam a resolução e/ou ainda prevenção dos conflitos e, por sua vez, as atitudes que contribuem para dificultar a sua gestão.

Assim, importa que os atores alvo de intervenção conheçam o valor de uma interação/comunicação próxima à escola, as suas dimensões e finalidades, para que se possam capacitar de habilidades que os ajudem a responder às solicitações, os habilita a proporem iniciativas comunicacionais de proximidade com a escola e lhes permita responderem mais eficazmente na resolução de problemas que possam surgir.

3. METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1 PARADIGMA QUALITATIVO NA INTERVENÇÃO

3.2 SELEÇÃO DOS MÉTODOS E TÉCNICAS DE INTERVENÇÃO

3.3 MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA: RECURSOS MOBILIZADOS E

LIMITAÇÕES DO PROCESSO

Apresentação

Neste ponto, pretende-se dar a conhecer as estratégias adotadas com vista a responder às necessidades anteriormente identificadas e elucidar sobre a forma como foi dada resposta à questão geradora desta intervenção. Assim, ao longo dos seguintes pontos refletir-se-á sobre a forma como se deu corpo à estimulação da relação escola-família.

Esta investigação procurou uma abordagem aberta junto dos intervenientes, valorizando formas de agir, perceber e refletir sobre a relação escola-família, motivando a potenciar a mesma.

Este capítulo tem início com uma reflexão sobre o paradigma de intervenção e integra os pressupostos da metodologia utilizada na mesma.

3.1. PRADIGMA QUALITATIVO NA INTERVENÇÃO

No que concerne ao paradigma de investigação/intervenção a seguir, consideramos que o que mais se adequa às especificidades do contexto e do grupo de intervenção/investigação diz respeito ao paradigma qualitativo. Este tipo de investigação encontra-se voltado para a compreensão dos fenómenos, isto é, da realidade social, visando um processo de construção social com atenção sobre as especificidades da mesma.

Quando analisamos factos da vida quotidiana podemos apresentar tendência a uma análise subjetiva dos mesmos, no entanto esta análise não pode ser encarada como uma rejeição dos métodos mais racionais (paradigma quantitativo). Antes deve ser encarada como inerente à complexidade do conhecimento e à intervenção no domínio do social.

Por isso, para melhorar a compreensão destas realidades complexas e dado que a escolha, a elaboração e a organização dos procedimentos de trabalho variam conforme o tipo de investigação/intervenção que se pretende realizar (Quivy e Campenhoudt, 1992; Serrano, 2004), considerou-se pertinente seguir o paradigma qualitativo ou interpretativo (Ventosa, 1993; Lessard-Hébert *et al*, 1994; Calvo, 2002; Gómez, 2004; Serrano, 2004).

Pois entendeu-se o mais adequado para compreender os processos e os fenómenos inerentes à problemática desta investigação/intervenção. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a abordagem qualitativa tem como objetivo a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações num dado contexto, ou seja, pretende interpretar em vez de medir e procura compreender a realidade tal como se apresenta.

Salienta-se o facto de este tipo de investigação privilegiar o envolvimento dos sujeitos, tendo como objetivo a apreensão dos seus sentidos e significados. Desta forma, uma vez que “o processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos” (Bogdan & Biklen, 1994:51), torna-se pertinente reunir as condições para que haja uma aproximação contínua com os sujeitos participantes da intervenção. Segundo os autores Bogdan e Bilken (1994), a empatia e a confiança são elementos essenciais na relação com os sujeitos.

A investigação qualitativa possibilita uma exploração progressiva e flexível, revelando-se importante para o sucesso de todo o processo de intervenção. Na medida em que o investigador se baseia nas perceções pessoais dos sujeitos, é fulcral considerar o presente plano de intervenção como algo que deverá ser adaptado às especificidades dos sujeitos, bem como às diversas circunstâncias. Tendo isto em consideração, torna-se pertinente fazer-se valer de métodos e técnicas de recolha de dados específicos que permitam “tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador” (*ibidem*)

Este tipo de investigação afigura-se como promotora do desenvolvimento de uma intervenção em mediação, uma vez que, neste âmbito, ainda que o mediador se apresente como um terceiro elemento neutro ao processo, é fulcral que se mostre atento ao processo para que o possa analisar qualitativamente. Assim, apoiar esta investigação/intervenção numa vertente qualitativa permite melhor compreender a natureza da situação, das características das partes envolvidas, da natureza das suas relações, e como adequar as estratégias para atender às necessidades identificadas.

No entanto, o principal interesse desta abordagem qualitativa não é efetuar generalizações, mas antes particularizar e compreender os sujeitos e os fenómenos na sua complexidade e singularidade. Como referem Bogdan e Biklen (1994:66) “a preocupação central não é a de se os resultados são suscetíveis de generalização, mas

sim a de que outros contextos e sujeitos a eles podem ser generalizados”. Nesta linha de pensamento, o paradigma qualitativo interessa-se mais pelos processos do que pelos produtos (Lüdke e André, 1986; Bogdan & Biklen, 1994) e preocupa-se mais com a compreensão e a interpretação sobre como os factos e os fenómenos se manifestam do que em determinar causas para os mesmos (Serrano, 2004).

No contexto de um projeto que se perspectiva de mediação, importa conceber um paradigma que respeite os seus valores/pressupostos, tal como a metodologia qualitativa o pode possibilitar, pois caracteriza-se por uma maior interferência e proximidade com o contexto e com o sujeito (assumindo este um papel mais ativo e participativo). Os dados de natureza qualitativa são obtidos num “contexto natural” (Lüdke & André, 1986) ao contrário dos dados de cariz quantitativo, que são elaborados a partir de situações organizadas:

“ [...] a abordagem à investigação qualitativa não é feita com o objectivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. [...] Recolhem normalmente os dados em função de um contacto aprofundado com os indivíduos, nos seus contextos ecológicos naturais.”

(Bogdan & Biklen, 1994:16)

Porém, não poderemos deixar de atentar sobre a questão da subjetividade, isto é, numa abordagem de cariz qualitativo, deveremos ter a sensibilidade para não deixar ir muito longe esta questão, de forma a evitar enviesar o conhecimento e interpretação da realidade, pois de acordo com Bogdan e Biklen (1994:67) “os dados carregam o peso de qualquer interpretação”. Ou seja, se a questão do controlo é o “calcanhar de Aquiles” da investigação quantitativa, a questão da “objetividade” (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 1994) é o problema correspondente para a investigação qualitativa.

3.2. SELEÇÃO DOS MÉTODOS E TÉCNICAS DE INTERVENÇÃO

Em concordância com as características do paradigma qualitativo, torna-se pertinente fazer referência a determinados métodos e técnicas de recolha de informação. Segundo Quivy e Campenhoudt (1992), os métodos devem ser selecionados em função da finalidade e dos objetivos da investigação/intervenção. Neste sentido, dado que o presente projeto aspirou potenciar a comunicação escola-família, numa atmosfera mais

participativa e cooperativa, a metodologia adotada foi, sobretudo, uma metodologia ativa e participativa, própria ao processo de Mediação.

Assim, esta intervenção foi alicerçada numa metodologia de intervenção que pretendeu “promover a participação ativa e voluntária dos cidadãos no desenvolvimento comunitário e na melhoria da qualidade de vida” (Vallicrosa, 2004:171). Com base neste entendimento, propomos a mediação como um processo ativo, participado e criativo, onde a fonte direta de informação é o ambiente natural. Assim, perspetivamos o desenvolvimento da nossa intervenção numa lógica de Investigação-Ação Participativa, uma vez que a interpretamos como um processo coletivo de pesquisa e intervenção sobre uma determinada realidade, que visa a produção de conhecimento, possibilitando uma modificação dessa mesma realidade social com a participação ativa dos atores sociais.

No entanto, importa aqui clarificar um pouco mais os conceitos de investigação-ação e de investigação-ação participativa.

Numa conceção geral, a investigação-ação promove o diálogo teoria-prática; conjuga processos de investigação e ação; conduz à produção de conhecimentos e mudança; e promove a interação entre investigadores e atores (Serrano, 2004). A investigação-ação participativa enquadra situações comunicacionais capazes de permitir que os intervenientes descubram questões que os implicam directamente como agentes transformadores da própria acção e/ou contextos (Viana, 2007).

Consideramos a intervenção auto avaliativa, na medida em que as mudanças vão sendo avaliadas ao longo do processo com o intuito de produzir novos conhecimentos e, conseqüentemente, melhorar a prática. Na investigação-ação, os sujeitos partem com uma preocupação inicial de que há uma necessidade de mudança ou de melhoria de uma realidade, a seguir planificam, agem, observam, avaliam e refletem acerca da mudança e das melhorias produzidas. O ciclo repete-se cumprindo-se, deste modo, a “espiral reflexiva de investigação-ação” (Calvo, 2002:113).

Não é demais lembrar que foi através desta sequência, em que a reflexão sobre a prática levava a uma proposta de mudança e a implementação da mudança levava a uma melhor compreensão da prática, que se descobriu e concretizou a riqueza formativa deste processo metodológico (Calvo, 2002; Serrano, 2004; Gómez, 2004). Pode-se,

assim, afirmar que a investigação-ação é uma metodologia dinâmica, pois a sua finalidade primordial consiste no estudo de problemas da prática com vista à melhoria da mesma e da aprendizagem através da ação. Pelo descrito, ficam patentes três funções fundamentais do processo de investigação-ação: a investigação, a ação e a formação.

O propósito deste projeto prendeu-se com os pressupostos da relação escola-família, pelo que era objetivo deste, desenvolver e potenciar esta relação, e que uma reflexão sobre a mesma conduzisse a mudanças significativas para os atores. Deste ponto de vista, o projeto desenvolvido privilegiou a investigação-ação participativa.

Privilegiou-se este processo metodológico por entendermos ser o que mais se adequa aos pressupostos da intervenção da mediação, onde reflexão, formação, educação e ação são peças-chave na intervenção, não descurando o envolvimento e participação dos sujeitos em todas as fases do processo. Desta forma, como refere Viana (2007: 84-85), a investigação-ação participativa “(...) constitui-se num processo de autodescoberta e possibilita a transformação das práticas e, concomitantemente, das pessoas, onde a partilha de significados, de sentidos atribuídos, o diálogo, a negociação e o grupo se impõem como estruturantes da mudança”.

3.2.1 A investigação-ação

Na investigação-ação “não há especialistas do saber agindo sobre os leigos ignorantes, mas que todos os implicados vão cooperativamente construindo o conhecimento pertinente e necessário” (Lima, 2003:319). Deste modo, a motivação da comunidade é maior, pois a investigação/intervenção parte dos seus próprios interesses e visa a melhoria da qualidade de vida dos participantes. Contudo, Ander-Egg (1990) chama a atenção para o facto de esta ação requerer que as pessoas possuam os instrumentos e a capacidade necessária para saber como participar. Não se trata do direito de participar, mas da capacidade para poder participar efetivamente e, para isso, é necessário criar condições e espaços onde as pessoas possam realmente dar o seu contributo e assumir um papel ativo.

O papel ativo da comunidade evidenciado por Serrano (2004:112), na medida em que considera a investigação participativa “um processo sistemático que uma determinada comunidade leva a cabo para atingir um conhecimento mais profundo dos

seus problemas e solucioná-los tentando incluir toda a comunidade no processo”. A autora explica que este processo é um conjunto de ações que devem ser realizadas pelo grupo de pessoas que quer transformar a sua realidade, partindo de uma “motivação coletiva”. Esta nasce do desejo comum de conhecer uma determinada realidade social, procurando os meios adequados para a transformar. Por isso, o objetivo prioritário da investigação participativa é, beneficiar toda a comunidade, envolvendo-a em todo o processo e não só nos resultados. Mais ainda, a investigação-ação participativa deve, no entender de Serrano (2004:113):

“[...] descobrir as formas práticas de propiciar aos sectores populares o modo de se apropriarem e elaborarem um saber instrumental que lhes permita exprimir, estruturarem e dinamizarem as suas próprias experiências. O objectivo último consiste em potenciar as expressões e as concepções autónomas do povo, criando campos onde as pessoas possam desenvolver-se.”

Na investigação-ação participativa, as fases de diagnóstico, análise crítica da realidade e ação, “constituem os momentos chave do processo de estudo, de reflexão e de atuação que leva a comunidade para uma transformação constante da realidade”, não se podendo efetivar realmente essa mudança se a mesma não apresentar uma certa permanência, no sentido de “assegurar a efetividade da espiral do processo de inovação e mudança” (Idem:113).

Assim, podemos concretizar os passos da investigação qualitativa através da identificação do problema, recolha e análise de dados, planeamento de ações coletivas e avaliação/reflexão contínua do trabalho, havendo reformulação das ações em consequência das reflexões realizadas (Ander-Egg, 1990; Calvo, 2002; Serrano, 2004). Desta forma, a investigação-ação participativa pretende, resolver problemas concretos de cada grupo e, por isso, orienta-se “para o aperfeiçoamento mediante a mudança e para a aprendizagem a partir das consequências das mudanças: é participativa; segue uma espiral de ciclos de planificação, ação, observação e reflexão” (Serrano, 2004:111), tendo em vista o desenvolvimento das pessoas e dos grupos.

3.2.2 Investigação-ação: o percurso

As etapas de investigação foram sendo construídas ao longo deste projeto, tendo em conta a sua natureza dinâmica e participativa, bem como foram sendo

repensadas as estratégias de intervenção indo de encontro à leitura feita da participação e feedback do público-alvo.

Segundo Vallicrosa (2004:171), as técnicas são procedimentos formalizados que “definem, explicitamente, a sequência de ações que é necessário seguir para realizar uma tarefa concreta nos termos previstos”, ou seja, “a técnica é a aplicação específica do plano metodológico” (Greenwood, 1965:314). No entanto, Vallicrosa (2004) refere que não há técnicas específicas, podem-se usar técnicas de outros campos de intervenção, pois a eficácia de cada técnica tem a ver com a adequação de cada situação. Por outras palavras, em investigação-ação participativa as técnicas utilizadas podem ser diversas, porém, a escolha destas técnicas “depende sobretudo dos objectivos definidos (...) e do tipo de resultados esperados, os quais possam vir a servir de base para o desencadear de acções concretas” (Vieira, 1995:64).

Para Boutinet (1996), o projeto pode ser uma necessidade vital, uma oportunidade cultural, uma aposta existencial, uma perspectiva pragmática. O projeto constitui, deste modo, uma representação da realidade que ainda não existe e que resulta de um processo de transformação. O projecto permite emancipar um processo de transformação social, de forma aberta e evolutiva, pois são os próprios implicados que identificam os problemas, as necessidades e interesses e se organizam para lhes responderem. Apresenta-se com uma visão de futuro para responder aos desafios do presente (Viana, 2010). Existe em relação ao futuro, pois é algo que ainda não está realizado, não é um facto. Por outras palavras, um projeto é antes de mais uma antecipação: não é uma prática efetuada, mas sim uma prática a efetuar. A partir da análise do presente, das suas necessidades, é desenhada uma ação com objetivos específicos para uma mudança positiva na sociedade, por isso, são muito importantes os processos de avaliação.

A verdadeira pertinência da avaliação de projetos resulta da possibilidade de esta se assumir como um instrumento de autoanálise da ação, permitindo uma prática baseada numa reflexão partilhada ao longo de todo o processo. Do ponto de vista do próprio projeto, a avaliação contribui para não perdermos a memória dos acontecimentos, ou seja, para reorientar a ação.

A avaliação pode, assim, desempenhar um papel regulador num processo forçosamente complexo e contínuo, em que se cruzam diversas intenções e expetativas,

diversos olhares e modos de sentir. Seguindo o pensamento de Guerra (2000), este projeto integrou três momentos distintos de avaliação que, tal como a investigação-ação participativa, seguem uma espiral de ciclos de conhecimento, planificação, ação, observação e reflexão:

- Avaliação diagnóstica (com fins de planeamento): pretende conhecer e caracterizar o contexto de intervenção, ajudando na melhor definição das atividades;

- Avaliação on-going ou contínua (com fins de acompanhamento): prolonga-se ao longo de todo o processo, permitindo verificar se os objetivos traçados estão a ser atingidos, bem como melhorar as práticas de intervenção;

- Avaliação ex-post ou final (de impacto): pretende analisar os resultados esperados e não esperados, o grau de consecução dos objetivos, bem como a eficácia do projeto.

Assim, tendo em conta todos estes pressupostos, na fase de diagnóstico recorreremos à análise documental, às pesquisas bibliográficas, às conversas informais, à observação não participante e observação participante.

O diagnóstico de necessidades alicerçou-se nas informações recolhidas através dos informantes-chave da instituição. Este projeto acaba por seguir objetivos que possam atenuar as dificuldades já identificadas, neste caso, a insuficiente relação entre escola-família e em consequência os conflitos existentes na escola entre as crianças. Assim, levando em consideração os feedbacks e a natureza dinâmica da intervenção, foi possível construir o plano de intervenção que segue.

Quadro 1 - Planificação da Intervenção

Domínios do processo de intervenção	Objetivos	Tarefas e intervenientes	Recursos	Calendário
Levantamento necessidades	- Conhecer as necessidades; - Conhecer o grupo de intervenção;	- Pesquisa documental; - Conversas informais; - Acesso a documentos oficiais; - Interação com os mediadores; - Preenchimento de inquéritos por questionário; - Registo em Diário de Comunicação;	- Registos documentais; - Bibliografia; - Sessões/encontros com os intervenientes; - Inquéritos por questionário; - Diário de comunicação; - Relatório de avaliação interna; - Relatório de avaliação das atividades; - Discussão/reflexão com acompanhante e orientadora	Outubro 2011 a Fevereiro de 2012
Identificação da situação-problema	- Identificar a situação-problema a intervir; - Conhecer as representações dos intervenientes sobre a relação escola-família;	- Pesquisa documental; - Interação com os Encarregados de educação e diretores de turma; - Conversas informais com responsáveis;	- Sessões / encontro com os intervenientes; - Registos documentais; - Discussão/reflexão com acompanhante e orientadora	Outubro 2011 a Fevereiro 2012
Intervenção/atividades de Mediação Socioeducativa	- Conhecer a dinâmica da relação escola-família na Escola EB 2,3 de Arões; - Compreender as representações dos Encarregados de educação face à escola; - Conhecer as representações dos Diretores de turma face à sua interação com os Encarregados de Educação;	- Reunião com os responsáveis pelos projetos em atividade na escola; - Reunião com os encarregados de educação, através da Associação de pais; - Sessão com os Diretores de turma: - Apresentação do projeto e exploração das representações sobre a relação escola-família; - Monitorização das atividades programadas para o restante ano letivo, reforçando nas mesmas a participação dos EE; - Acompanhamento do compromisso de potenciar a participação dos EE nas atividades; - Sessão com os representantes dos encarregados de educação;	- Bibliografia; - Sessões com os intervenientes; - Diário de comunicação; - Discussão/reflexão com acompanhante e orientadora;	- Novembro 2011; - Novembro 2011; - 01 Fevereiro 2012; - 01 Março 2012;

3. Metodologia de Investigação

<p>Conceção da intervenção: planos, propostas, instrumentos e suportes de Mediação Socioeducativa</p>	<p>-Consolidar a participação dos EE nas atividades previstas; -Promover a reflexão e implicação do papel do diretor de turma, como comunicador chave da relação escola – família;</p>	<p>-Sessão de comunicação com os Diretores de turma; -Pesquisa documental; - Acesso ao Plano de atividades previstas; -Registo do diário de comunicação;</p>	<p>- Documentos; - Plano de atividades; -Diário de comunicação; -Discussão/reflexão com acompanhante e orientadora</p>	<p>- Março 2012</p>
<p>Organização, divulgação e realização do plano de Mediação Socioeducativa</p>	<p>- Apresentação dos objetivos do projeto; -Promover a reflexão sobre a relação escola-família; - Proporcionar uma legitimidade do papel de Diretor de turma;</p>	<p>-Sessões de comunicação com os Diretores de turma; -Sessão de comunicação com os representantes dos EE;</p>	<p>- Documentos; -Interação com os intervenientes; -Diário de comunicação; -Discussão/reflexão com acompanhante e orientadora</p>	<p>Janeiro 2012 a Maio 2012</p>
<p>Monitorização e avaliação do plano de Mediação Socioeducativa</p>	<p>-Perspetivar uma mudança nas representações dos Diretores de turma face ao seu papel de interlocutor chave;</p>	<p>-Sessões de comunicação; - Registo dos diários de comunicação; - Reflexão sobre cada ação concretizada;</p>	<p>-Diários de comunicação; - Registos de reflexão da ação; -Discussão/reflexão com acompanhante e orientadora</p>	<p>Outubro 2011 a Maio 2012</p>
<p>Avaliação do impacto da Mediação Socioeducativa no contexto</p>	<p>-Conhecer o impacto da Mediação Socioeducativa na relação entre escola – família;</p>	<p>-Diários de comunicação sobre as sessões realizadas; -Reflexão sobre as potencialidades, contratempos e avanços que as ações proporcionaram nos intervenientes; -Fórum de apresentação preliminar dos resultados</p>	<p>-Diário de comunicação; - Registos de reflexão da ação; - Fórum com presença da comunidade escolar; -Discussão/reflexão com acompanhante e orientadora;</p>	<p>Junho 2012</p>

Para além das conversas informais que foram acontecendo numa fase pré-estágio e no início do mesmo, a observação das dinâmicas escolares, como reuniões com Professores, Diretores de Turma e com a Associação de Pais, permitiram constatar as dificuldades já identificadas. Assim, no que respeita a técnicas de intervenção/investigação a privilegiar, sublinhamos a observação e as conversas informais, afiguraram-se como um processo bastante significativo na exploração da investigação. Desta forma, ainda que a observação seja “um acontecimento natural da vida quotidiana” (Santos, 2009:108), esta pode acontecer também de forma “deliberada e sistematicamente, quando as situações exigem que a atenção se concentre em dadas observações específicas” (*ibidem*). A observação é assim um poderoso instrumento de investigação, apresentando como vantagem o facto de permitir “efetuar registos de

acontecimentos, comportamentos e atitudes, no seu contexto próprio e sem alterar a sua espontaneidade”.(Santos, 2009:109)

Na fase de implementação houve o recurso a técnicas de investigação e a técnicas de intervenção. Como técnicas/processo de investigação foram usadas, sobretudo, a observação participante, as conversas informais, o diário de campo, os diários de bordo realizados na primeira sessão (Anexo 1), bem como os inquéritos realizados a Diretores de turma e encarregados de educação (Anexo 2). No que concerne às técnicas de intervenção foram privilegiadas a observação participante e as sessões de comunicação com diretores de turma e representantes dos encarregados de educação.

Na fase de avaliação final, as técnicas utilizadas privilegiaram a observação participante e a análise de conteúdo. Esta última debruçou-se sobre as informações/dados resultantes de todas as outras técnicas usadas (observação não participante, observação participante, conversas informais, diário de campo e inquéritos por questionário). Acresce aqui a realização de um Fórum de apresentação preliminar de resultados da intervenção, para o qual toda a comunidade escolar foi convidada a participar, validando desta forma, os resultados apresentados.

Como tal, afigurou-se crucial observar o espaço, os comportamentos verbais e não-verbais dos sujeitos, as suas atitudes, discursos e o seu modo de comunicar, pelo que a observação do contexto da intervenção nos permite melhor conhecer a realidade com que lidamos. Neste caso em concreto, a observação direta e participante mostraram-se como as mais pertinentes neste processo.

3.2.3 A observação

A observação direta implica um distanciamento face a qualquer interação com os sujeitos, com vista à recolha de dados, pelo que o observador “tem o papel de espectador”, afigurando-se esta mais adequada para uma fase inicial de reconhecimento da realidade e do campo de intervenção (Barros & Lehfeld, 1986:81). Por sua vez, a observação participante consiste na integração do observador no contexto, na sua participação, ou seja, no seu “envolvimento pessoal (...), como se fosse um dos seus elementos, observando a vida do grupo a partir do seu interior” (Santos,

2009:113). Trata-se, portanto, de uma relação mais próxima e implicado com os intervenientes, salvaguardando que tal não signifique que o investigador seja parcial ou tome partido, pois este deverá ser neutro e observar com isenção.

No entanto, tais técnicas só conseguem ser melhor enquadradas e operacionalizadas, se sustentarem numa pesquisa documental eficiente, nomeadamente com a análise do relatório de avaliação interna do Agrupamento, de onde são definidos os princípios de atuação para este ano letivo. Para além deste relatório, a análise do Projeto Educativo afigurou-se importante, na medida em que lá se pode observar a preocupação que o Agrupamento tem relativamente à relação escola-família. De acordo com Lüdke e André (1986), a análise documental constitui uma técnica importante na pesquisa qualitativa (procura, nos documentos, elementos indispensáveis à compressão e fundamentação do projeto), seja complementando informações obtidas por outras técnicas, seja revelando aspetos novos de um tema ou problema.

Ao longo da realização deste trabalho houve sempre a consciência de que era crucial a construção de um referencial teórico coerente. Para isso, este teve de basear-se em teorias e resultados de anteriores pesquisas (pesquisas bibliográficas), que atuaram como um pano de fundo e forneceram orientações para dirigir a investigação/intervenção, pois "os dados nunca falam por si próprios" (Bogdan & Biklen, 1994: 298). Esta técnica foi importante para um maior aprofundamento da temática do projeto, bem como para a fundamentação das atividades, pois a intervenção só é eficaz se, primeiramente, for elaborado um plano conceptual adequado ao público-alvo.

A observação não participante foi uma estratégia fundamental no processo de recolha de informações, não só na fase inicial como ao longo de todo o trabalho. A observação não participante "é aquela em que o próprio investigador procede diretamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados, apelando diretamente ao seu sentido de observação" (Quivy e Campenhoudt, 1992:165).

Para além da observação não participante, foi privilegiada também a observação participante, para que se pudesse ter acesso ao significado que os participantes atribuíam às situações vividas. Iturra (1986:149) considera que a observação participante "é o envolvimento directo que o investigador de campo tem com um grupo social que estuda dentro dos parâmetros das próprias normas do grupo".

Isto é, esta técnica visa compreender as pessoas e as suas atividades no contexto da ação, por isso, “os principais procedimentos são a presença prolongada no contexto social e o contacto directo, em primeira mão, com as pessoas, as situações e os acontecimentos” (Costa, 1986:137).

Através da observação (participante e não participante) tivemos oportunidade de recolher informações e compreender as atitudes dos participantes face ao problema alvo de intervenção (relação escola-família). A perceção das suas posições face ao problema em análise, permitiu registar o que se ia observando, num diário de campo, com o objetivo de analisar e compreender o que se ia observando, pelo que esta técnica se revelou crucial no desenrolar da investigação e da intervenção. Ou seja, a utilização de um diário de campo, ao longo de todo o processo, permitiu o registo, quase sistemático, de observações, informações, reflexões, bem como de impressões. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), devemos incluir descrições físicas, descrições de situação, detalhes de conversação e relatos de acontecimentos, pois como método de recolha de dados, tem como vantagens o facto de permitir chegar mais perto da “perspectiva dos sujeitos” e facultar uma experiência direta que melhor se adapta à verificação das ocorrências (Lüdke e André, 1986).

3.2.4 O questionário

Como forma de obter um conhecimento mais aprofundado das representações dos Diretores de Turma e representantes dos Encarregados de Educação face à relação escola – família, foi realizado um inquérito por questionário, pois tal como nos mostra Donche (1976: 42), esta técnica “constitui uma forma específica de grande interesse no estudo das necessidades, visando a elaboração de planos formação”. No cenário de intervenção, o questionário assumiu relevada importância, enquanto estratégia que se perspectivou capaz de aproximar, divulgar/dar a conhecer o Projeto que propúnhamos.

O objetivo da realização deste inquérito por questionário funciona exatamente como forma de melhor estudar as necessidades dos mediados, entendendo-se poder beneficiar dos seus resultados e poder realizar um plano estratégico de intervenção adequado às necessidades identificadas pelos mediados.

Esta técnica, para além de permitir aferir os objetivos da investigação, também permite analisar a comunicação e relação entre os vários intervenientes da mesma. Para o desenvolvimento desta técnica foi necessário um contacto com os atores, apresentando os pressupostos e finalidades da mesma, motivando-os a expressar as suas percepções, crenças, opiniões. Perante tal, os atores são levados a refletir e analisar a relação com a outra parte e dessa reflexão decorre a delineação mais concreta do plano de intervenção, atendendo às necessidades por eles identificadas.

Os questionários (ver anexo 2) foram respondidos por 8 professores e 6 encarregados de educação da escola. Este é composto por questões fechadas e abertas, pretendeu recolher informação sobre as perspetivas de encarregados de educação e diretores de turma sobre a relação escola-família.

Este questionário foi validado, do ponto de vista técnico, pela diretora da escola e pela responsável de projetos da escola, bem como pela acompanhante de estágio. Os dados foram tratados, utilizando a ferramenta Excel, com vista a perceber as representações de Diretores de Turma e Encarregados de Educação face à relação entre escola e família.

3.2.5. Sessões de comunicação

Tal como nos refere Vieira (2006:27), numa perspetiva de aprendizagem dos alunos, a interação encarregados de educação e diretores de turma pode perfeitamente ser aplicada ao contexto de que esta intervenção trata, pois, para que se consiga alcançar o objetivo principal deste projeto é imprescindível potenciar um desenvolvimento de competências dos intervenientes, no entanto estas não são de aprendizagem, antes são sociais e relacionais. Esta valorização das competências não foi descurada por Vieira (2006:27), confirmando-o a seguinte citação.

“As actividades que visam o desenvolvimento de competências de aprendizagem dos alunos devem responder às suas características, interesses e necessidades, apoiar-se em experiências de aprendizagem anteriores, envolver competências transferíveis para outras situações e colocar desafios que impliquem progresso...”

Sendo pertinente desenvolver competências sociais e relacionais no grupo de mediados, afigura-se importante projetar atividades que tenham como princípio o definido por Vieira no parágrafo anterior. Assim, a delineação de atividades como as

sessões de comunicação, propostas nesta intervenção, visam responder às características, interesses e necessidades dos mediados, mostrando-se consequência da fase de identificação de necessidades.

Estas sessões tiveram como objetivo clarificar e chamar à reflexão sobre a importância da comunicação, tendo em consideração os pontos onde os mediados identificaram ser necessária esta atuação. Quando na fase anterior se realiza um inquérito por questionário é precisamente para que se possam conhecer os interesses e características do grupo de intervenção.

Ao longo das sessões de comunicação, os mediados foram motivados a refletir sobre as suas experiências de relacionamento com o outro e perspetivar novas formas de potenciar essa comunicação, resultando daí “desafios que impliquem progresso...” (Vieira, 2006:27)

No final da sessão de comunicação e como forma de monitorizar o processo de intervenção, foi realizado um Diário de Comunicação, no qual se registaram os contratempos, avanços e pontos de interesse de cada uma das sessões. O modelo deste diário segue os princípios do modelo construído por Vieira (Anexo 1) e o registo foi feito pela mediadora após o término da sessão, permitindo refletir sobre a ação e projetar futuras ações. No final da sessão, a mediadora convidou os participantes a igualmente fazer o registo do Diário de Comunicação, no entanto este procedimento foi voluntário, pelo que daqui decorre o risco da técnica não ter muito sucesso. O ideal seria que pelo menos um participante colaborasse com esta tarefa para que também a mediadora pudesse refletir sobre a sua ação sobre o ponto de vista dos mediados.

3.2.6. Validação dos resultados

Analisar dados da investigação supõe observar, organizadamente, o conjunto de elementos disponíveis para descobrir as relações entre as partes e relacioná-las com o todo, procurando contribuir para um melhor conhecimento da realidade estudada.

Procura-se nesta análise de dados, fazer uma leitura e aproximar a mesma à realidade das informações reiteradas. Com base em alguns modelos da análise de conteúdo, a reflexão sobre estes dados permite-nos conhecer aprofundadamente o

âmbito da intervenção. Porém, pela conotação dada à análise de conteúdo, “...desenhada para ser aplicada a informações pré-existentes (artigos de imprensa, publicidade, documentos diversos, etc.) ” (Flores *et al.* (1999)), não podemos definir esta análise de dados como uma análise de conteúdo.

É objetivo desta análise compreender as representações de encarregados de educação e diretores de turma face à relação escola-família e como se posicionam perante a mesma. Uma análise qualitativa raramente se mostra linear e de fácil aplicação, pelo que chamaríamos à atenção as limitações da mesma: caráter polissémico dos dados e o volume de dados recolhidos na investigação. A análise de dados foi determinada pelo problema de investigação e realizou-se em simultâneo com a recolha de dados, a redação do relatório e ao longo das sessões de comunicação.

A análise esteve presente no registo do diário de comunicação, no qual foram registadas as reflexões decorrentes das sessões de comunicação. O estudo dos dados obedeceu a um processo de organização do texto com vista à sistematização e organização da informação e reflexões compreendidas nos mesmos.

O tratamento da informação foi feito de forma indutiva, fazendo agregações de significado e procurando compreender o mesmo. A análise dos dados possibilitou o desenvolvimento do problema de investigação, procurando conhecer as representações de encarregados de educação e diretores de turma sobre a relação escola-família.

Realizadas as sessões de comunicação, bem como os questionários e diários de comunicação procedeu-se à sua análise. Desta forma, a análise de dados orientou-se no sentido de organizar, de modo sistemático, o que se foi acumulando ao longo da investigação, com a intenção de possibilitar a sua compreensão e posterior discussão. Atualmente, a análise de conteúdo é uma das técnicas mais comuns nas ciências sociais pois é a análise tanto dos discursos, como das notas de campo, como ainda, das respostas no domínio das entrevistas e de perguntas abertas quando usados questionários. Para Bardin (2009:33)

“a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações”.

Esta técnica, para além de permitir uma melhor interpretação e compreensão dos discursos dos participantes envolvidos, procura também articulá-los entre si,

procurando vínculos e pontos em comum, contradições ou pontos de tensão. Assim, num primeiro momento, a análise documental adquiriu uma função heurística, cujo objetivo foi apreender a globalidade dos discursos e adquirir uma visão global dos mesmos, num segundo momento, adquiriu a função de administração de prova, destacando-se citações importantes, palavras ou ideias de modo a confirmar ou refutar os objetivos de investigação.

Uma leitura múltipla e reiterada, na qual o investigador procura evoluir do campo ao texto e deste ao leitor, mostrou-se a técnica mais adequada para esta intervenção. Própria das características de uma intervenção do campo da mediação, a investigação desenvolveu-se ciclicamente e levando em consideração as reflexões dos intervenientes no processo. Concluído o primeiro passo e prosseguindo para o seguinte, as reflexões inerentes do primeiro, permitem um regresso ao início mais sustentado e com informações que permitem reiniciar o processo com mais coerência. Com este processo, procurou-se colocar os dados a falar, sabendo que os mesmos tornaram a investigação e futuras intervenções mais ricas.

3.3. MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA: RECURSOS MOBILIZADOS E LIMITAÇÕES DO PROCESSO

Em qualquer intervenção é necessário definir e conhecer os recursos necessários à prossecução da mesma, assim como nos esclarece Serrano (2008:36), quando afirma que “é conveniente ter conhecimento, desde os momentos iniciais do diagnóstico, dos recursos, tanto humanos como económicos, de que podemos dispor para a realização de um projecto”. Assim, a realização deste projeto mobilizou vários recursos, quer humanos, quer materiais, quer financeiros, os quais são indicamos de seguida:

3.3.1 Recursos Humanos

Quanto aos recursos humanos envolvidos neste projeto, pôde-se contar com a participação dos Diretores de turma da escola, os representantes dos encarregados de educação da mesma escola e com a colaboração da responsável pelo projeto (estagiária); da Diretora da Escola e seus adjuntos (responsável pela escola e, por isso, teve um acompanhamento e envolvimento próximos na dinamização do projeto); dos colaboradores da escola e naturalmente da direção da mesma.

3.3.2 Recursos Materiais

No que respeita a recursos materiais, estes não foram muitos e tiveram em conta as necessidades das intervenções. Assim, foram necessários um computador (levado pela estagiária) e um projetor, utilizado na dinamização das sessões de comunicação.

Durante o processo, as maiores limitações/dificuldades encontradas foram: saber lidar com as ideias fixas e incontestáveis de alguns diretores de turma (os quais apresentavam uma grande resistência à mudança e novidade), mas sobretudo mostravam-se resistentes em fazer algo para mudar, atribuindo essa necessidade aos encarregados de educação.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família:
apresentação e discussão do processo de intervenção

**4. MEDIAÇÃO SOCIOEDUCATIVA NUM ESPAÇO DE EMANCIPAÇÃO DA
RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO
PROCESSO DE INTERVENÇÃO**

4.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

4.2 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO

4.3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família:
apresentação e discussão do processo de intervenção

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Apresentação

Ao longo deste capítulo dá-se conta dos dados recolhidos e procede-se à análise dos mesmos. São apresentados e discutidos os dados recolhidos e é feita uma reflexão sobre os mesmos, procurando legitimar toda a investigação e conhecer as representações dos encarregados de educação e Diretores de Turma face à relação escola-família.

4.1 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DO PROCESSO DE INTERVENÇÃO

Como tem vindo a ser referido ao longo do trabalho, a implementação de um projeto tem como objetivo central a análise e resolução de problemas, através de diversas técnicas. Por isso, pressupõe uma intenção, e é essa mesma intenção, que determina as ações a serem adotadas, quando e como devem ser implementadas. No entanto não é um processo estanque, uma vez que permite a flexibilidade dos procedimentos, podendo assim ser considerado um processo dinâmico, que se adapta e se reorienta ao longo da intervenção/investigação sempre que for necessário.

Este projeto não se baseou apenas na investigação de determinado problema, mas sim na tentativa de intervenção, baseada em alicerces fundamentais, para a resolução eficaz desse mesmo problema, bem como o envolvimento e participação de todos os intervenientes. Assim, a metodologia privilegiada foi a de investigação-ação, pelo que existe uma grande dinâmica entre a teoria e a prática, permitindo assim uma maior compreensão da realidade, bem como uma melhor planificação e uma ação mais direta e dirigida para transformar e melhorar essa realidade. De um modo geral, este projeto adotou uma metodologia reflexiva, pois foi baseado e sustentado pela investigação, que visou identificar problemas e resolvê-los através de ações práticas, onde a própria população destinatária foi envolvida como sujeito ativo.

O trabalho aqui apresentado desenvolveu-se ao longo de um período de tempo (9 meses) e percorreu várias fases (fase de integração e de diagnóstico, fase planificação, fase de implementação e fase de avaliação). Na fase de integração e de diagnóstico procurou-se conhecer as dinâmicas da escola, bem como perceber melhor o problema alvo de intervenção, no sentido de perceber melhor as suas dinâmicas e recolher informações relevantes para a conceção do projeto.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Na fase de planificação foi necessário conciliar as propostas com o que fosse exequível no tempo passível de intervenção, fazendo uma planificação adequada e interessante, que tivesse em conta as necessidades detetadas até então. Depois desta procurou-se intervir segundo o plano que havia sido aprovado pela direção, procurando dar resposta aos problemas e dificuldades que fossem, surgindo, pelo que ao plano inicial muitas alterações foram efetivadas, decorrentes das necessidades que fossem surgindo.

4.2. DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES DE ESTÁGIO

Num projeto, as atividades desenvolvidas representam uma parte fundamental, pois é através delas que é possível verificar se os objetivos, inicialmente traçados, foram alcançados ou não. Procurou-se delinear intervenções que correspondessem aos objetivos delineados, ou seja, ações que diligenciassem desenvolver a relação escola – família na escola.

Assim, foram planificadas um conjunto de sessões de comunicação com objetivos concretos em cada uma delas e que visavam potenciar a relação escola-família. Ao longo do processo de intervenção, houve a necessidade de reajustar este plano, conforme os feedbacks recebidos dos participantes e também através de conversas com alguns responsáveis da escola.

Importa referir que as atividades propostas para o cumprimento dos objetivos, englobam um trabalho com os dois pólos da relação escola-família, ou seja, um trabalho que se pretende fomentar esta relação e promover espaços de partilha e de comunicação, motivando para uma atmosfera colaborativa entre ambas as partes.

Assim, pretendeu-se a criação de um espaço de mediação, onde foram realizadas sessões de comunicação que possibilitaram a passagem de valores de comunicação e interação com os outros, afigurando-se como um espaço de partilha de experiências e de reflexão sobre temáticas importantes para a relação entre escola e família, como motivadora da formação dos alunos enquanto futuros cidadãos integrados numa sociedade coesa.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Neste espaço pretendeu-se estabelecer laços e fomentar a comunicação entre família e a escola, pelo que se mostrou pertinente intervir junto dos representantes de cada uma das turmas, nas figuras do representante dos encarregados de educação e do diretor de turma.

As atividades realizadas ambicionavam ir de encontro aos objetivos do projeto, mas também que os participantes se identifiquem com elas e possam recolher valores da realização das mesmas, pelo que será importante aferir as suas expectativas face à realização das mesmas, deixando que estes proponham as atividades. A realização de sessões com os representantes dos encarregados de educação visaram levar estes indivíduos a refletir sobre o papel que ocupam e motivá-los para a importância que têm, enquanto representantes, no processo de comunicação com os seus representados e consequentemente na melhoria do funcionamento da coletividade.

Nesta perspetiva tomamos em consideração o papel que cada representante dos encarregados de educação de cada turma e por isso pretende-se também trabalhar os processos de comunicação entre estes e os restantes encarregados de educação das turmas. Para além duma clarificação dos papéis e fomentação da comunicação, pretendeu-se que no âmbito da mediação, os representantes dos encarregados de educação possam perceber a importância de estarem interligados num canal de comunicação entre escola e restantes encarregados de educação, pelo futuro dos alunos da turma.

Pretendeu-se com este projeto a realização de atividades que possibilitem alcançar os objetivos propostos para este projeto, sendo que estas atividades facultassem uma interação entre os diversos participantes.

Acautelando estes pressupostos e focando que uma planificação no âmbito de uma investigação/intervenção em mediação jamais poderá ser fechada, pois todo o desenvolvimento da intervenção estará condicionado ao desenrolar das atividades, sendo estas adequadas às necessidades que vão surgindo ao longo do processo de mediação e deixando espaço para os mediados poderem participar na planificação.

Assim, foram realizadas três sessões de comunicação, duas com os diretores de turma e uma com os representantes dos encarregados de educação de cada turma.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

A primeira sessão realizou-se com os diretores de turma e à semelhança da seguinte, foi um sessão integrada numa reunião que estava prevista nas obrigações pedagógicas exteriores a este projeto. Assim, todos os diretores de turma da escola compareceram e haviam sido informados que parte da reunião contaria com a minha intervenção, no âmbito deste projeto.

Nesta primeira sessão, procurou-se conhecer as suas representações face à relação escola-família e perceber como deveria perspetivar a intervenção no futuro. Assim, nesta sessão apresentou-se o projeto e objetivos do mesmo e procurou-se enquadrá-los no que era a intervenção. Esta sessão teve ainda o objetivo de perceber como os diretores de turma se posicionavam face à relação escola-família e procurar confirmar algumas informações que haviam sido transmitidas aquando do pedido de intervenção. No final da sessão, solicitou-se que respondessem ao inquérito, bem como o diário de comunicação, agradecendo a colaboração e mostrando que não se tratava de caráter obrigatório.

A segunda sessão de comunicação aconteceu com os representantes de encarregados de educação e esta em moldes diferentes, pois os participantes haviam sido convidados a vir à sessão exclusivamente. Esta sessão seguiu os moldes da primeira, no sentido de conhecer as representações dos encarregados de educação face à relação escola-família, numa base de comparação e sobretudo de orientação de intervenções futuras. Também aqui foi solicitada a colaboração na resposta a inquéritos, com o objetivo de conhecer mais concretamente a realidade que alvo de intervenção.

Numa última sessão de comunicação, esta surgiu de uma reflexão consistente das anteriores sessões, bem como dos inquéritos e diários de comunicação. Também foi bastante pertinente a conversa com alguns informantes chave da escola para que se pudesse preparar esta sessão. Esta é resultado da reflexão e da procura de uma intervenção que desse resposta às inquietudes lidas nas sessões anteriores. Assim, o propósito desta sessão foi sobretudo fornecer algumas dicas, ideias sobre como melhorar a relação escola-família indicadas para Diretores de Turma. Naturalmente que esta sessão também permitiu ainda confirmar algumas representações dos diretores de turma face a este problema e sobretudo retirar algumas ilações sobre esta temática, procurando integrar na pesquisa bibliográfica realizada ao longo do processo.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Apresenta-se aqui um plano de intervenção onde constam as ações desenvolvidas na intervenção das sessões de comunicação. Este plano é resultado de um plano mais alargado inicialmente previsto, mas que teve necessidade de ser alterado. Estas alterações haviam sido já salvaguardadas no projeto inicial, tendo com consideração o carácter não definitivo da metodologia utilizada.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Quadro 2 - Planificação das sessões de comunicação

Sessões de comunicação	Objetivos	Âmbito da intervenção	Participantes	Recursos	Calendário
Sessão 1 (Escola – família – escola)	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do projeto e objetivos do mesmo; - Conhecer as representações face à relação escola-família; - Motivar para o envolvimento dos encarregados de educação nas atividades; - Definir estratégias para promover a participação dos encarregados de educação; 	<ul style="list-style-type: none"> - Observação; - Discussão de ideias; - Realização de Diário de Comunicação; - Realização de inquérito por questionário; 	<ul style="list-style-type: none"> - Mediadora; - Diretores de turma; 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de Seminário; - Computador; - Inquéritos por questionário; - Diário de comunicação 	Dezembro 2011
Sessão 2 (Família – escola-família)	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar o projeto e objetivos do mesmo; - Solicitar colaboração para o projeto; - Conhecer as representações dos participantes sobre a relação escola-família; - Conhecer a visão dos participantes sobre o seu papel de representação; - Aferir sobre a importância do seu envolvimento na escola; 	<ul style="list-style-type: none"> - Realização de inquérito por questionário; - Observação e registo de dados; - Discussão de ideias; - Realização de Diário de Comunicação; 	<ul style="list-style-type: none"> Representantes dos Encarregados de educação; - Mediadora 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de Seminário; - Computador; - Inquéritos por questionário; 	- Dezembro 2011
Sessão 3 (Comunica-te...)	<ul style="list-style-type: none"> - Refletir sobre os conceitos de comunicação e participação; - Promover o trabalho em equipa e cooperativo; - Discutir sobre problemas/necessidades a colmatar; - Delinear estratégias de comunicação/resolução dos problemas; - Preparar as reuniões com os encarregados de educação; - Alcançar estratégias para a colaboração escola-família; - Identificar e construir estratégias que promovam a comunicação entre escola-família; 	<ul style="list-style-type: none"> - Dinâmicas de reflexão; - FocousGroup; - Discussão de ideias; - Realização de Diário de Comunicação; - Observação; 	<ul style="list-style-type: none"> - Representantes de encarregados de educação; - Diretores de turma; (Em sessões em separado) - Mediadora; 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de Seminário; - Material de desgaste; 	- Abril 2012

Na medida em que a intervenção não se esgota nestas sessões, é de referir que toda a reflexão, discussão de ideias e reconstrução do quadro teórico-concetual faz parte da delineação de estratégias de atuação. A intervenção procurou dar resposta às

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção
necessidade que foram sendo identificadas e procurou sobretudo ir de encontro às necessidades dos participantes dos projeto, não descurando os objetivos do mesmo.

4.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na realização de qualquer ação, processo ou projeto, é necessário refletir sobre o processo e os resultados, na medida em que acompanha a intervenção a partir do momento da conceção/planificação até que termine. Ou seja, é um processo contínuo/permanente que, segundo Úcar (2004:189) “é algo mais do que uma mera descrição ou análise; é, fundamentalmente, uma comparação entre «o que há» e «o que julgamos que deveria haver»”. No entanto, “a avaliação tem um «porquê» e um «para quê» que contextualizam e condicionam o «quê», o «quem», o «como», o «quando» e o «onde» dessa avaliação” (Úcar, 2004:190). Por isso, o processo de avaliação deve ter um carácter singular, original e ajustado à realidade concreta em que se implementa, pois só assim poderá responder à heterogeneidade dos objetivos, âmbitos, atividades, tempos e participantes, bem como à flexibilidade da realidade social, na medida em que esta é “móvel, mutável, dinâmica e complexa” (Úcar, 2004:191).

No projeto *A Mediação Socioeducativa como espaço de emancipação comunicacional na relação escola-família* houve o cuidado de se recorrer a instrumentos e momentos de avaliação diversificados, na medida em que uma verdadeira avaliação formativa adequa os processos às características do público-alvo, interessa-se mais pelo processo do que pelos resultados e torna, neste caso concreto, os diretores de turma e encarregados de educação protagonistas de todo o processo, estimulando assim a sua motivação e participação.

Assim, de acordo com Guerra (2000), este projeto integrou três momentos distintos de avaliação:

- ✓ Avaliação diagnóstica (com fins de planeamento), que pretendeu conhecer e caracterizar o contexto de intervenção, ajudando na melhor definição das atividades;
- ✓ Avaliação on-going ou contínua (com fins de acompanhamento): prolongou-se ao longo de todo o processo, permitindo verificar se os objetivos traçados estavam a ser atingidos, bem como melhorar as

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

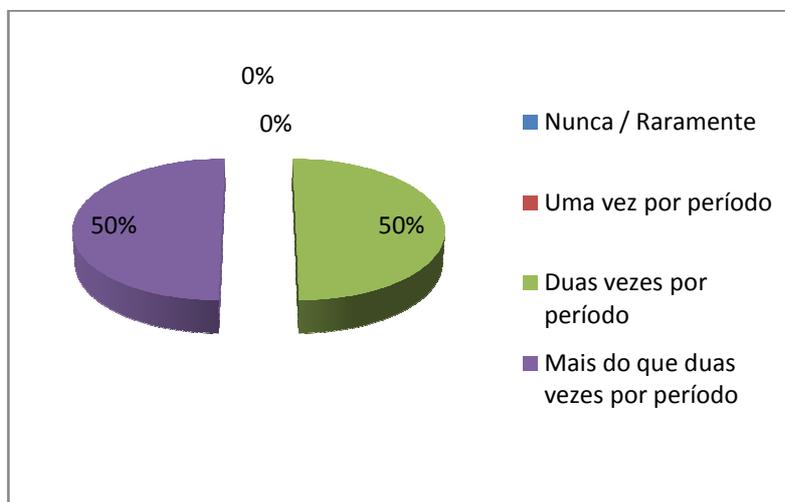
práticas de intervenção (no final de cada sessão realiza um diário de comunicação onde se fazia a avaliação da sessão);

- ✓ Avaliação ex-post ou final (de impacte): pretendeu analisar os resultados esperados e não esperados, o grau de consecução dos objetivos, bem como a eficácia do projeto. Neste último momento de avaliação foi feita uma análise ao projeto, bem como às ações decorridas ao longo de mesmo, fazendo uma leitura das representações dos Diretores de turma ao projeto.

Foram aplicados inquéritos por questionário na sessão com os diretores de turma e na sessão com os representantes dos encarregados de educação. Foi solicitado que todos respondessem, porém tal teve um caráter voluntário. Assim dos 20 diretores de turma presentes nas sessões, responderam aos questionários oito diretores de turma.

Relativamente aos diários de comunicação, apenas responderam cinco diretores de turma. Os dados recolhidos através destes instrumentos são completados pelo diário de bordo realizado ao longo do desenvolvimento do projeto, que contempla as observações, reflexões e discussões da estagiária, permitindo uma reflexão e análise da intervenção. Os resultados deste projeto ficam completos quando temos em atenção os resultados dos questionários aplicado aos representantes dos encarregados de educação, sendo que obtivemos resposta a cinco questionários dos dez representantes presentes na sessão.

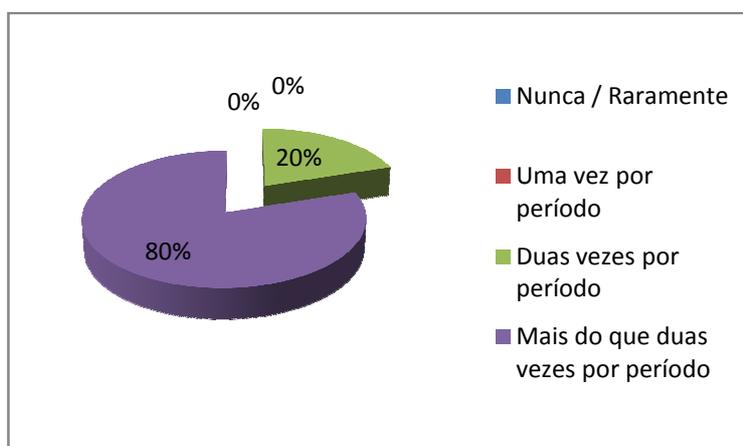
Gráfico 1 - Regularidade dos contactos entre escola-família na perspetiva dos Diretores de Turma



4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Relativamente à regularidade de contactos entre diretor de turma e encarregado de educação, podemos perceber que as respostas se dividem entre “duas vezes por período” e “mais do que duas vezes por período”. Assim, os diretores de turma afirmam contatar os encarregados de educação com uma regularidade igual ou superior a “duas vezes por período”.

Gráfico 2 - Regularidade dos contactos entre escola-família na perspetiva dos Encarregados de Educação



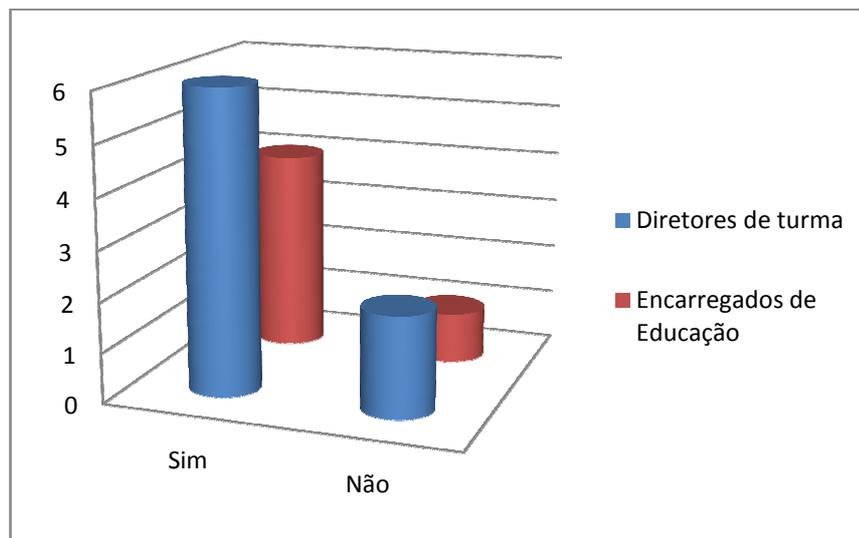
Quando comparamos esta regularidade com as respostas dadas pelos encarregados de educação, podemos verificar no gráfico 2, que estas estão em consonância com as dos anteriores. Os encarregados de educação afirmam na sua maioria contatar os diretores de turma “mais do que duas vezes por período”.

Quando analisamos estes dados, podemos perceber que o contacto entre diretor de turma e encarregado de educação, é feito de forma regular, no entanto, é fundamental entrosarmos-nos mais nesta questão dos contactos, para que possamos fazer uma análise minuciosa às questões da comunicação entre escola – família, uma vez que esta não se cinge aos contactos, sejam voluntários ou por “obrigação”. Na verdade, ao longo do projeto e no decorrer das sessões, afirmações como “os encarregados de educação que mais são chamados à escola, são aqueles cujos filhos têm piores comportamentos, sendo também os que normalmente têm de ser convocados”, foram bastante reforçadas pelos diretores de turma. Na verdade, os encarregados de educação, mostraram corroborar as afirmações, dizendo um deles que “venho mais à escola porque o meu filho se porta mal”.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

É fundamental perceber se Diretores de turma e encarregados de educação, consideram ser suficiente a frequência dos contactos, tendo em consideração as respostas que indicaram na questão 1.

Gráfico 3 - Avaliação (suficiente ou insuficiente) da regularidade dos contactos entre escola e família



Podemos assim perceber que, quer diretores de turma, quer encarregados de educação, na sua maioria, entendem ser suficiente a regularidade que haviam indicado na questão anterior sobre os contactos que fazem.

No entanto, mais do que isto, importa compreender as razões que os levam a avaliar como suficientes ou insuficientes os contactos estabelecidos entre ambos. No quadro que se segue podemos fazer uma leitura mais exaustiva das razões e permite-nos compreender melhor as dinâmicas da relação escola-família.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Quadro 3 - Avaliação (suficiente ou insuficiente) do contacto entre escola-família

Grupo	Classificação	Razões / Argumentos	Valor
Diretores de turma	Suficiente	“Não vejo necessidade de maior contacto”; (DT1; DT4; DT7) “O contacto do DT é suficiente, mas o pai deveria vir à escola voluntariamente”; (DT2;DT8) “Os contactos são suficientes se não houver problemas”;(DT3)	6
	Insuficiente	“Os alunos problemáticos precisam de maior contacto”;(DT5) “Deveria ser voluntário e não só quando há entrega de avaliações”(DT6)	2
Encarregados de Educação	Suficiente	“Porque o meu educando tem um comportamento adequado e o aproveitamento também”(EE1; EE3; EE4; EE6)	4
	Insuficiente	“Não tenho mais tempo para isso”(EE2)	1

O aproveitamento e comportamento dos alunos lidera nas justificativas para maiores contactos, pois tanto diretores de turma como encarregados de educação, justificam a necessidade de maior contacto quando estas situações apresentam preocupação. No entanto, também os diretores de turma foram demonstrando que gostariam de ver os encarregados de educação mais empenhados em acompanhar voluntariamente os seus educandos, procurando informações junto dos diretores de turma, sem que estes os tenham previamente convocado.

Esta conclusão pode ser melhor clarificada e aprofundada quando questionamos sobre as razões que motivam os contactos entre escola-família, como podemos ver no quadro que se segue.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Quadro 4 - Razões que motivam o contacto entre Encarregados de Educação e Diretores de Turma

Grupo	Razões do contacto	Argumentos	Valor
Diretor de turma	Comunicação de avaliações / evoluções	“Normalmente contacto-os para comunicar: avaliações, evoluções, situações inesperadas, dar conhecimento, etc...” (DT2; DT3; DT6; DT7; DT8)	4
	Convite para atividades	“...também contacto para fazer convites para atividades interessantes e sensibilizações.” (DT3)	1
	Comunicação de faltas e comportamentos incorretos	“Contacto sempre que os alunos apresentam falta de assiduidade, pontualidade, incumprimento no trabalho de casa e ocorrências disciplinares” (DT1; DT2; DT3; DT4; DT5; DT6; DT8)	7
	Recolha de informações	“Recolher informações importantes para o acompanhamento do aluno.” (DT1)	1
Encarregados de Educação	Comportamento / Aproveitamento	“Ser informado das avaliações e de uma forma geral do comportamento da turma” (EE2; EE4)	2
	Recados da caderneta	“Os recados que o aluno traz na caderneta” (EE6)	1
	Problemas / dificuldades do educando	“Porque o meu filho tem um problema que limita a sua aprendizagem” (EE3)	1

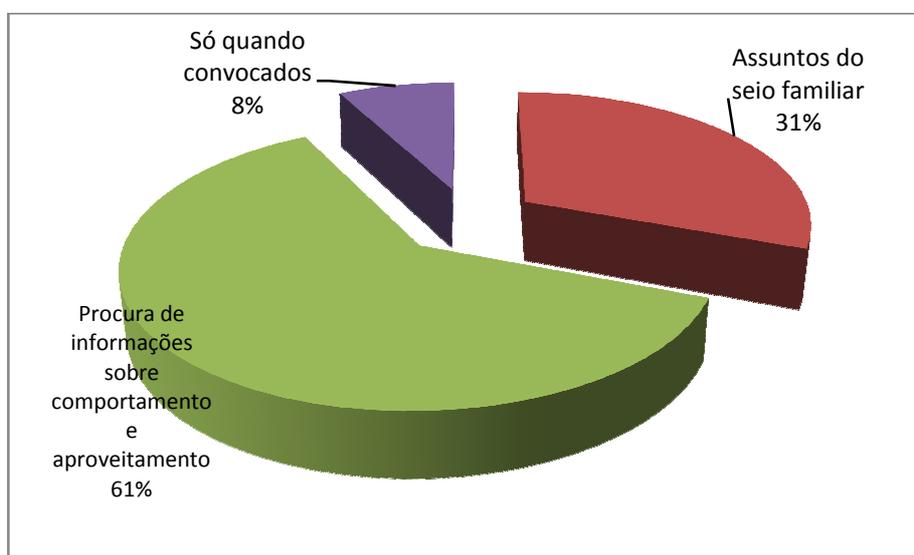
O comportamento e aproveitamento dos alunos são os principais motivos pelos quais diretores de turma contactam encarregados de educação e vice-versa. Assim, a relação escola-família poderá estar condicionada pela aproveitamento e comportamento dos alunos, isto é, caso não exista nada de relevante a assinalar nestes campos, podemos rezear a escassez da relação escola-família. Assim afirmam autores como Alves e Leite (2005: 28-29), que já haviam chamado a atenção para a importância da relação escola-família em função da motivação e sucesso dos alunos, pois na maioria das vezes o encarregado de educação só é chamado à escola por razões menos positivas, pelo que seria importante implicar o encarregado de educação quando o seu educando teve um bom aproveitamento, reforçando positivamente as suas aprendizagens.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Os Diretores de turma afirmam ao longo de toda a intervenção que gostariam que os contactos dos encarregados de educação fossem mais frequentes, que não estivessem confinados às convocatórias e que estes os procurassem voluntariamente. Assim, importa perceber quais as razões que os levam os encarregados de educação à escola, na perspetiva dos diretores de turma.

São sobretudo três as razões que os diretores de turma dizem ser as que motivam o contacto dos encarregados de educação, como podemos ver no gráfico seguinte.

Gráfico 4 - Razões que motivam os Encarregados de Educação a contactar os Diretores de Turma, segundo a perspetiva dos Diretores de Turma



Podemos verificar que há uma grande percentagem de diretores de turma que dizem ser a procura de informações sobre aproveitamento e comportamento que motiva a vinda dos encarregados de educação à escola (61 %), porém, se tivermos em conta que os diretores de turma vêm a reivindicar que os encarregados de educação vêm à escola apenas quando convocados, este gráfico demonstra uma situação pouco significativa (8%).

Os diretores de turma demonstraram que os encarregados de educação procuram saber mais sobre o aproveitamento do que sobre o comportamento, como nos demonstra um diretor de turma: “os encarregados de educação deslocam-se à escola para se inteirarem da vida escolar dos seus educandos (principalmente os resultados escolares) ”.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Muitas das vezes, o contacto entre escola e família é apontado como deficiente, atribuindo-se culpas mútuas, isto é, os diretores de turma dizem que os encarregados de educação não procuram saber da vida escolar dos seus educandos e do outro lado, temos encarregados de educação que dizem que os diretores de turma não mostram disponibilidade para atendê-los em horários mais favoráveis. Esta culpabilização assiste-se ao longo dos anos, pois diretores de turma têm dificuldade em compreender as ausências dos encarregados de educação, preferindo justifica-las com a falta de interesse. Por outro lado, os encarregados de educação dispõe cada vez mais de menos tempo para acompanhar a vida escolar dos seus educandos, confiando nos profissionais da escola para ajudar os seus filhos no seu percurso escolar.

Assim, uma análise à relação escola-família não poderá deixar de integrar uma compreensão dos impedimentos que se colocam ao desenvolvimento da mesma.

Analisemos o quadro que se segue, onde podemos perceber os impedimentos que diretores de turma e encarregados de educação encontram quando procuram estabelecer relações uns com os outros.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família:
apresentação e discussão do processo de intervenção

Quadro 5 - Impedimentos que os Diretores de Turma e Encarregados de Educação encontram quando pretendem estabelecer contacto

Grupo	Impedimentos	Razões / Argumentos	Valor
Diretor de turma	Falta de interesse	“Falta de interesse dos pais para acompanhar os seus filhos na escola”; (DT1; DT2)	2
	Falta de disponibilidade	“Alguns pais são muito ocupados em termos profissionais e não se deslocam voluntariamente à escola.” (DT3; DT4; DT6; DT8) “Dificuldade em conciliar horários” (DT5)	5
	Meio familiar condicionante	“O meio familiar em que o aluno está inserido pode ser um problema”(DT2)	1
	Falta de espaço adequado para reunir com EE	“Só há uma sala para receber EE e, por vezes, há mais do que um DT que necessita estar com EE...” (DT4)	1
	Dificuldade dos EE em compreender as informações	“...Nem todos os pais desempenham o seu papel com responsabilidade e são negligentes...”; (DT1) “...o que se nota é que muitos deles não percebem as minhas informações e dizem que vão fazer alguma coisa e não fazem nada...”(DT4)	2
	Nenhuns	“Não encontro impedimentos, ...”(DT6)	2

A falta de disponibilidade e a dificuldade em conciliar horários é realmente um dos impedimentos mais identificados pelos diretores de turma aquando do estabelecimento de relações com os encarregados de educação. Esta dificuldade foi percebida aquando do contacto com os diretores de turma, durante as sessões, bem como no contacto com outros membros da comunidade escolar. Mais do que este impedimento, o nível cultural da maior parte das famílias que completam o agrupamento escolar (nível sociocultural baixo), pelo que quando os diretores de turma referem a dificuldade na compreensão das informações, bem como o meio familiar difícil, tal poderá ser um indicador deste contexto.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Os impedimentos e/ou dificuldades levantadas nas sessões no que se refere ao contacto com as famílias são latentes aqui, pois compreendem o discutido nas sessões.

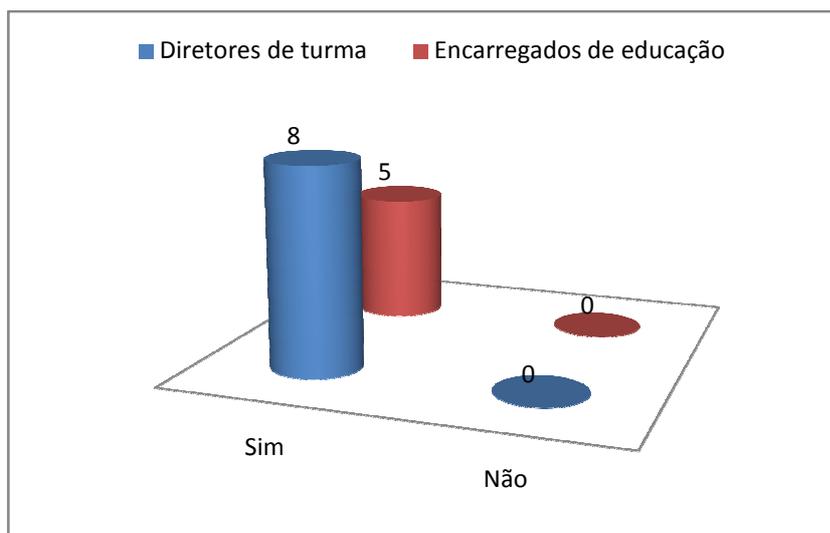
Ao analisarmos as respostas dos encarregados de educação, pudemos constatar que a maior parte não compreendeu a questões, pois poucos responderam à mesma. Esta dificuldade poderá ter que ver com a forma como a mesma foi formulada e também poderá reforçar a constatação dos diretores de turma, quando demonstram a dificuldade em transmitir informações aos encarregados de educação. Porém, ao longo da sessão com os encarregados de educação e de outros contactos com encarregados de educação, pude observar que estes não demonstram ter dificuldade ou impedimentos no estabelecimento de uma relação com a escola e com o diretor de turma. Na sua maioria, corroboram a afirmação deste encarregado de educação, “basta querer e consegue-se facilmente contactar o diretor de turma, pois eles sempre se mostram disponíveis para atender”.

Enquanto que os diretores de turma mostram encontrar vários impedimentos no estabelecimento de relações com os encarregados de educação, estes parecem colocar-se ao seu lado, afirmando que “só não consegue falar com o diretor de turma, quem não quer, pois eu sempre que quero, falo”. Para além disso, os encarregados de educação são também críticos quando ao desempenho de alguns encarregados de educação, dizendo que alguns não parecem ter interesse em acompanhar o desenvolvimento escolar do seu educando.

Analisemos agora a influência da relação escola-família no rendimento dos alunos. Vejamos no gráfico abaixo como há unanimidade entre encarregados de educação e diretores de turma, pois todos afirmam uma relação direta entre o aproveitamento dos alunos e uma boa relação entre a escola e a família.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Gráfico 5 - Influência da relação escola-família no rendimento escolar dos alunos



O estabelecimento de relações saudáveis entre escola e família são um princípio basilar no rendimento dos alunos, pois ambos compreendem a formação base do ser humano e se esta se desenvolver harmoniosamente, influenciar na mesma medida o rendimento dos alunos. Esta visão é partilhada por diretores de turma e encarregados de educação, como nos mostra um diretor de turma, afirmando que “os alunos são mais responsáveis e ambiciosos no desempenho”, assim como partilha um encarregado de educação: “os alunos ficam mais aplicados se os pais os acompanharem”. Esta visão dá corpo ao que Marques (2001: 19) afirma que “Os estudos realizados (...) nas últimas três décadas, mostram que, quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar.”

Os diretores de turma colocam o realce no papel dos encarregados de educação, pois continuam a afirmar que é importante a comunicação com a família, mas que esta deverá partir dos encarregados de educação, ou seja, está nas suas mãos a relação escola-família. Os resultados serão melhores se os encarregados de educação acompanharem o percurso dos seus educandos.

A tónica desta relação e do sucesso relativamente ao aproveitamento, está no papel dos encarregados de educação, pois quer estes, quer os diretores de turma, afirmam que para que haja aproveitamento é necessário um acompanhamento eficiente dos encarregados de educação. Vejamos a confirmação nas afirmações que se seguem:

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

“Os pais devem informar os diretores de turma, pois pode influenciar o aproveitamento.” (DT1)

“Os pais devem acompanhar mais, pois isso afeta o rendimento” (EE2)

“A relação com os professores é benéfica, pois pode ajudar a compreender alguns comportamentos dos alunos” (EE4)

Os encarregados de educação são unânimes e partilham da opinião de que um maior acompanhamento destes à vida escolar dos seus educandos, fomenta um aproveitamento sustentado dos educandos.

Não podemos descurar da acentuação que é dada ao papel dos encarregados de educação na relação escola-família, pois quer estes, quer os diretores de turma, parecem compreender que falta fazer mais do lado das famílias para o sucesso desta relação. Aqui surge uma questão pertinente e levantada ao longo da intervenção, pois por várias vezes os mediados afirmaram a necessidade de estabelecer contacto com os encarregados de educação que nunca vêm à escola e com estes seria pertinente compreender as razões da sua ausência. É verdade que a intervenção integrou o grupo que se predispôs a colaborar e a comparecer nas sessões, o que naturalmente poderá condicionar estes resultados.

Nesta perspetiva, o que se lê nos resultados é que é importante que os encarregados de educação alheados do processo educativo dos seus educandos sejam integrados e na verdade, aqui deverá a escola fazer mais e melhor e procurar compreender as suas razões e, na medida do possível, combater este afastamento.

Falamos sempre da relação escola-família na perspetiva de um mediador chave, isto é, do diretor de turma, sendo neste privilegiado o papel de contacto entre a família e a escola. Porém, seria pertinente refletir sobre a questão da relação escola-família estar confinada a este contacto ou poder alargar-se à comunidade escolar.

Ao longo das sessões, o papel do diretor de turma foi bastante debatido, tendo sido desenvolvida uma sessão que procurava indicar formas de melhor estabelecimento de relações com a família para o diretor de turma. Porém, a escola é mais do que o diretor de turma e muitas vezes os encarregados de educação têm alguma dificuldade em compreender o seu papel.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Quando questionados se o contacto com a família deveria ser um papel exclusivo do diretor de turma, os resultados foram esclarecedores. Mais do que compreender ser esta tarefa deveria ser exclusiva do diretor de turma, esta questão permitiu perceber as representações que os mediadores têm do papel do diretor de turma.

Os diretores de turma encaram esta responsabilidade como algo mais prático / funcional, ou seja, não é uma questão de responsabilidades, mas sim, porque se torna mais prático e funcional ter uma pessoa que é a responsável pelo contacto com a família. Assim, ao seu papel não é atribuída demasiada importância, apenas é tida em conta a funcionalidade de ter um porta-voz do conselho de turma que comunica com o encarregado de educação.

A maioria dos Diretores de turma refere inclusivamente que este papel “é da responsabilidade do DT, mas pode ser feito por outro elemento da escola (conselho de turma)”. Porém, alguns diretores de turma, compreendem a necessidade do diretor de turma enquanto privilegiador das relações escola-família, como afirma aqui “O DT é um excelente mediador quando desempenha bem as suas funções”.

Relativamente à perspectiva dos encarregados de educação, a maioria entende a praticidade da escola no que concerne à figura do diretor de turma. No entanto, questionam-se sobre a escolha do diretor de turma, isto é, questionam que características deverão ter um professor para desempenhar o papel de diretor de turma.

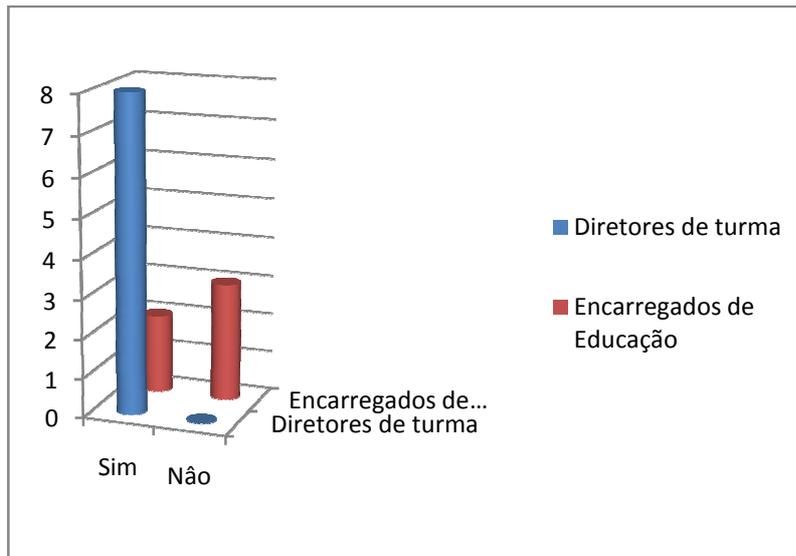
Esta questão havia sido debatida na sessão de comunicação com os encarregados de educação, na qual estes mostraram que deveriam existir critérios mais claros relativamente à nomeação dos diretores de turma e que inclusivamente já haviam questionado alguns professores sobre o assunto e que estes não souberam responder-lhes.

Os encarregados de educação acreditam no papel do diretor de turma e demonstram valorizar o contacto com o diretor de turma, apenas gostariam de compreender quais os critérios de nomeação dos mesmos, pois entendem que alguns professores não têm perfil para tal.

Quando falamos na relação escola-família, não podemos naturalmente centrar-nos apenas no papel do diretor de turma. É verdade que este se destaca como sendo o interlocutor chave nesta relação, mas não é, nem poderá ser o único. Assim, afigurou-se

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção pertinente perceber até que ponto, encarregados de educação e os próprios diretores de turma, consideravam que a escola proporciona a aproximação escola-família. Podemos verificar no gráfico que se segue que existe unanimidade nas respostas dos diretores de turma, no que concerne a este assunto, ao contrário das respostas dos encarregados de educação que parecem dividir-se neste ponto.

Gráfico 6 - Avaliação da aproximação da escola à família



Importa aqui refletir sobre as razões que levam a esta divisão de opiniões por parte dos Encarregados de educação, bem como na concordância relativa aos diretores de turma.

Assim, quando questionados sobre como é proporcionada a aproximação da escola à família, podemos perceber que os diretores de turma interpretam esta aproximação como suficiente devido aos convites que a escola vai fazendo aos encarregados de educação para participarem em atividades previstas e organizadas pela escola.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Quadro 6 - Formas de aproximação da escola à família e fomento da relação entre ambas

Grupo	Formas	Razões / Argumentos	Valor
Diretores de turma	Convites aos EE para participação em atividades	“Convida a participar em certos projetos”; (DT2; DT3; DT5) “Com atividades para os EE e ver os seus educandos inseridos nas mesmas e outras atividades do seu interesse”; (DT4; DT1; DT7)	6
	Informados via caderneta sobre todos os assuntos pertinentes	“...são informados via caderneta sobre vários assuntos relativos à vida escolar dos seus educandos”; (DT5; DT6; DT8)	3
	Disponibilidade para receber os EE sempre que necessário	“Tem sempre disponibilidade para receber os pais”; (DT3, DT4; DT6)	3
Encarregados de Educação	Reuniões / palestras	“...em forma de reuniões, palestras sobre atividades ao longo do ano...” (EE3)	1
	Atividades com os alunos	“...atividades que os alunos vão fazendo ao longo do ano letivo...”(EE4)	1
	Avisos / Convocatórias	“...é aproximada por panfletos para avisar das reuniões...” (EE1)	1

Na verdade, os diretores de turma continuam a compreender a aproximação e participação das famílias nos desígnios escolares, como algo que apenas corresponderá aos resultados dos seus educandos. A compreensão do conceito de participação e fortalecimento de relações está aquém do esperado para uma relação de confiança e trabalho conjunto, pois os encarregados de educação vêm a sua participação confinada aos convites que lhes são endereçados sem que o consultem ou peçam a sua opinião sobre algumas das atividades às quais é convidado.

Vejamos que alguns diretores de turma dizem que “os encarregados de educação são convidados a participar em atividades do seu interesse...”, porém importa aqui questionar como é que sabem se são do interesse dos encarregados de educação!?

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

A verdade é que as atividades são programadas e desenhadas com vista à participação passiva dos encarregados de educação, tendo em consideração o que a escola pensa serem os interesses deste. Com isto, não queremos dizer que na verdade não sejam do interesse, apenas questionamos se a escola procura efetivamente conhecer o que mais interessa aos encarregados de educação, isto é, se os ouve e se lhes dá a oportunidade de se expressarem e fazerem valer o seu papel na comunidade escola. Com isto, falamos de uma participação efetiva e ativa dos encarregados de educação e não de uma participação passiva que acarreta algumas limitações, nomeadamente a falta de identificação e ligação com um projeto sobre o qual apenas são convidados a assistir.

Os encarregados de educação, apesar de divididos no que concerne à forma como a escola se aproxima da família, parecem partilhar da mesma dinâmica dos diretores de turma face ao conceito de participação e aproximação nas relações. Assim, também encarregados de educação mostram os convites e convocatórias como formas da escola se aproximar das famílias. É bem verdade que o são, porém não podemos descuidar da participação e poder de influência nas decisões afetas à comunidade escolar da qual estes fazem parte, pelo que importa aqui compreender se os encarregados de educação concebem outras formas de aproximação e se entendem que algo mais deveria ser feito pela escola no sentido de melhorar este contacto.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família:
apresentação e discussão do processo de intervenção

**Quadro 7 - Formas de potenciar a relação escola-família na perspetiva dos
Diretores de Turma**

Grupo	Formas de potenciar a relação escola-família	Razões / Argumentos	Valor
Diretor de Turma	Não há mais nada que se possa fazer	“Considero que já se faz o possível”; (DT2; DT5) “...da parte da escola já é feito tudo para que exista uma relação entre escola – família...”(DT3)	3
	Necessidade de envolver entidades públicas exteriores à escola	“...em casos de famílias negligentes...é urgente envolver alguma espécie de autoridade exterior à escola...”(DT4)	1
	Flexibilização dos horários para atendimento aos EE	“...o horário de atendimento do diretor de turma deveria ser marcado no final da tarde...”(DT5)	1
	Maior interesse dos EE	“...tem de haver mais interesse do EE pela escola...”(DT3; DT1; DT2)	3
	Dinamização de atividades que envolvam o EE como espetador	“...fazer atividades em que entre o educando e seja necessário a participação do EE como espetador...”(DT1;DT6)	2
	Dinamização de atividades que permitam ao EE participar	“.... Devíamos fazer atividades onde os EE pudessem participar mais...”(DT1)	1
	Informar EE sobre evoluções positivas dos educandos	“Informar os pais não só do mau comportamento mas também do bom comportamento.” (DT6)	1

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Quadro 8 - Forma de potenciar a relação escola-família na perspetiva dos Encarregados de Educação

Grupo	Formas de potenciar a relação escola-família	Razões / Argumentos	Valor
Encarregado de Educação	Maior empenho da direção da escola	“Deveria existir por parte da direção uma maior exigência em relação com cumprimento de regras”(EE1)	1
	Mais atividades direcionadas para pais e alunos	“Que houvesse atividades que os pais pudessem participar também”;(EE3) “Construir atividades extra escolares entre pais, filhos e escola”(EE2)	2
	Ter em consideração o interesse dos alunos em detrimento da imagem da escola	“Deveria trabalhar para o bem de todos e não para a imagem”(EE5)	1

Analisemos o quadro precedente e podemos verificar que apesar dos diretores de turma considerarem que a escola já proporciona a aproximação à família, a verdade é que não deixaram de refletir sobre como potenciar essa mesma relação. As sugestões englobam a dinamização de atividades mas não têm em consideração a necessidade de ajustar as atividades aos interesses dos encarregados de educação e sequer de os consultar sobre tal. Ainda que possamos considerar que não há muito mais a fazer, a verdade é que, enquanto profissionais na área do desenvolvimento cultural e pedagógico, podemos refletir sobre a nossa atuação, procurando melhorá-la.

Podemos perceber que os argumentos/sugestões dos encarregados de educação não seguem a mesma linha de pensamento, isto porque estes demonstram sentir que deveria existir um maior envolvimento da escola, bem como um trabalho mais concertado no sucesso dos alunos. Ao longo das sessões de comunicação, os encarregados de educação foram dando sinais de que gostariam de ver a direção da escola mais presente e envolvida, pelo que demonstraram uma apreciação positiva do trabalho do diretor de turma, no geral, salvaguardando que a direção também deveria

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

descrever melhor os critérios para a nomeação do diretor de turma. Esta imagem da direção da escola, poderá ser fruto da organização do sistema, isto porque sendo o diretor de turma o contato privilegiado com o encarregado de educação, é natural que a direção apenas intervenha em momentos concretos.

Apesar dos diretores de turma entenderem que a escola já faz muitas atividades a pensar nos encarregados de educação, a verdade é que estes não sentem a sua participação efetiva, pelo que urge uma reflexão neste ponto, procurando compreender as razões desta ausência de participação.

Na medida em que a escola se caracteriza por ser uma escola de modelo cultural, importa também conhecer e interpretar a relação desta com o meio envolvente, com a comunidade. Se é importante que a escola se relacione e permita uma interação com as famílias que compõe a comunidade escola, também é crucial que este demonstre abertura para a colaboração com a comunidade onde se integra, especialmente neste contexto específico.

Num meio rural onde o sentido de comunidade é perceptível, os diretores de turma dividem-se relativamente à relação da escola com a comunidade. Todos consideram a relação da escola com a comunidade boa, porém, se uns o afirmam sem qualquer senão, outros reforçam os obstáculos que se impõe a esta relação.

Os diretores de turma consideram que a escola procura estabelecer uma boa relação com a comunidade, mas muitas das vezes encontra obstáculos, sendo um deles a falta de participação / interesse dos encarregados de educação, como afirma um deles: “o horário laboral e a rotina do dia-a-dia poderão ser obstáculos que impedem os pais de virem à escola...”.

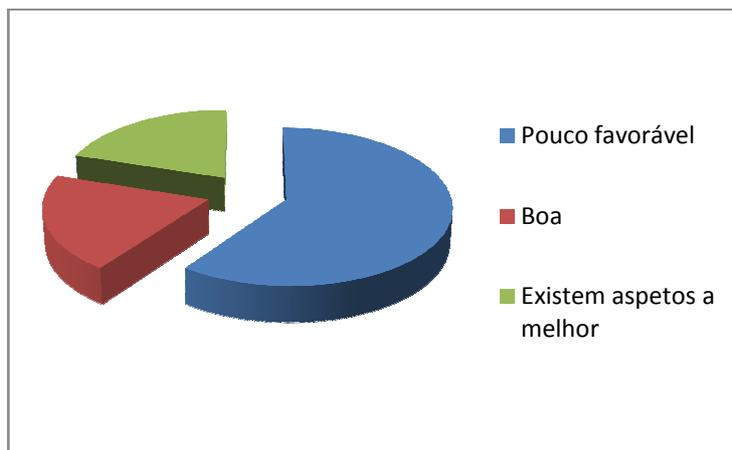
Nesta questão importa referir que o entendimento de comunidade que os diretores de turma alcançam apenas integra a comunidade escolar, pelo que nenhum se referiu à relação com a comunidade exterior à escolar. Daqui podemos refletir no sentido que a escola agrega a comunidade, de que forma colabora com entidades externas a si e que parcerias e atenção dá ao ambiente extra-escolar. Numa escola de modelo cultural é bastante pertinente que esta construa uma dialética cooperativa e que esteja atenta às necessidades da comunidade na qual está inserida, ganhando confiança da comunidade para que a possam ver como uma parceira.

O estabelecimento de redes de confiança permitem o desenvolvimento e o potenciar das relações entre as partes, neste caso entre comunidade e escola, integrando naturalmente as família que se integram quer numa quer noutra.

4. Mediação Socioeducativa num espaço de emancipação da relação escola-família: apresentação e discussão do processo de intervenção

Se os diretores de turma entendem como boa a relação da escola com a comunidade, os encarregados de educação dividem-se e não corroboram desta opinião.

Gráfico 7 - Relação da escola com a comunidade na perspetiva dos Encarregado de Educação



Os encarregados de educação demonstram sentir necessidade que a relação da escola com a comunidade melhore, pois, apesar de não a considerarem má, compreendem necessidades de melhoria.

Estes dizem que a escola “...não dá muita importância aos problemas de fora...”, o que vem contrapor com os argumentos dos diretores de turma.

Importa aqui que a escola se mostre mais atenta de modo a perceber porque é que os encarregados de educação sentem a desatenção da escola face aos problemas/necessidades da comunidade, interpretando a coerência dessas necessidades.

5. REFLEXÕES E IMPLICAÇÕES FINAIS

5.1 OS RESULTADOS NUMA PERSPETIVA CRITICA

5.2 MEDIAÇÃO EDUCACIONAL E SUPERVISÃO DA FORMAÇÃO:
IMPLICAÇÕES A NÍVEL PROFISSIONAL E PESSOAL

Apresentação

Este capítulo procura apresentar os resultados numa perspetiva crítica, refletindo sobre os resultados obtidos e conhecendo as implicações da investigação.

Integrada na formação em Mediação Educacional e Supervisão da formação, esta intervenção mostra-se como uma mais-valia na área da Mediação Socioeducativa e procurou dar resposta ao desenvolvimento da relação escola-família

5.1 OS RESULTADOS NUMA PERSPETICA CRÍTICA

Os resultados obtidos evidenciam que, a comunidade escolar entente a importância de uma dinâmica concertada entre escola e família e que, mais do que nunca, é necessário um trabalho de parceria e colaboração efetiva.

Os desafios da educação e formação de crianças e jovens são cada vez maiores e mais complexos, pelo que a escola está empenhada em procurar formas de agir que auxiliem nas suas funções, a formação de cidadãos.

Uma intervenção no âmbito da mediação, como esta, permitiu alcançar momentos e espaços de reflexão sobre a relação escola-família, motivando a um maior entendimento desta relação e da sua importância.

Quantas vezes as profissionais empenhadas nas suas tarefas quotidianas não conseguem dispensar tempo para a refletir sobre a sua prática!? Esta reflexão afigura-se importante quando pretendemos ser melhores profissionais, fazer mais e melhor. Muitas vezes os processos burocráticos, como acontece com o papel de diretor de turma, deixam pouco tempo e motivação para espaços de reflexão sobre a ação.

As sessões dinamizadas neste projeto permitiram a ocupação de um espaço de partilha, de reflexão e de reconstrução das práticas. Sobretudo tornou-se um espaço de comunicação, onde foram identificadas necessidades e perspetivadas oportunidades.

Assim a mediação, através das práticas emergentes da mesma, como a prevenção de conflitos, a melhoria dos laços e comunicação, mostrou-se potenciadora da relação escola-família. Mais importante do que uma intervenção de restabelecimento de laços, é importante formar para uma comunicação entre escola e família, enquanto principais agentes socializadores e de formação de cidadãos.

Apesar da intervenção ter-se centrado nos educadores (professores e encarregados de educação) devido aos constrangimentos temporais, não podemos deixar passar em branco a pertinência de uma intervenção juntos dos alunos. Esta intervenção deverá integrar a sua formação enquanto cidadãos integrados e participativos e que compreendem os valores de um trabalho de parceria. Estes serão os encarregados de educação de amanhã, pelo que é importante que compreendam a importância da relação escola-família.

Os resultados são francamente positivos, pois esta intervenção mostrou-se capaz de dotar a escola de ferramentas essenciais para lidar com as famílias, permitindo conhecer a sua perspetiva e repensar estratégias para melhorar essa relação.

Em nenhum momento ao longo do projeto, esta relação foi descrita como problemática, apenas a escola mostrava abertura para melhorar os laços com as famílias e repensar a sua atuação no sentido de motivar a participação das famílias na vida escolar dos alunos. Porém, seria ilusório pensar que esta intervenção se mostrou facilitada e que pouco exigente, pois ainda que a escola (direção) se mostre empenhada neste objetivo, para a sua concretização a mesma enfrenta obstáculos consideráveis.

Ainda que o espaço de comunicação criado, tenha gerado dinâmicas de comunicação, reflexão e entendimento capazes de alterar estratégias, a mais importante ferramenta é a persistência.

Não basta refletir e reajustar estratégias, é preciso perseguir objetivos, lutar e não desmotivar nas derrotas. Muitos encarregados de educação ainda não demonstram disponibilidade para participar e acompanhar o desenvolvimento escolar dos educandos e as atividades dinamizadas pela escola, mas a escola deve continuar empenhada em motivá-los, em ir de encontro às suas necessidades, alcançando a sua confiança.

A relação escola-família foi já amplamente estudada e debatida, desde há muitos anos, porém ainda hoje é pertinente. Todos os anos as realidades mudam e este afigura-se especialmente atípico, pelo que cabe à escola, organismo oficial, abrir as suas portas e estabelecer laços de confiança.

Esta ideia ficou salientada durante a intervenção e a escola entende a importância de continuar a trabalhar para estes objetivos, não poderá desistir nas rejeições, nem desmotivar perante as dificuldades.

5.2. MEDIAÇÃO EDUCACIONAL E SUPERVISÃO DA FORMAÇÃO: IMPLICAÇÕES A NÍVEL PROFISSIONAL E PESSOAL

Não seria exagerado dizer este estágio foi um marco no percurso académico, pessoal e profissional, com repercussões na forma de encarar a vida profissional e a relação com os outros. Esta nova etapa mostrou-se na mesma medida complexa e dinâmica, na medida em que contemplou uma multiplicidade de dimensões e tarefas, bem como um conjunto de fatores de ordem pessoal, relacional, institucional e formativa que, sinergicamente, contribuíram para uma diversidade de “experiências”, “aprendizagens” e “percursos”.

Ainda que bastante condicionado pelas suscetibilidades dos espaços, dos tempos e dos intervenientes que deram “corpo” a este projeto, o processo formativo assumiu diferentes ritmos, momentos, intensidades e contornos. Nos primeiros contactos manifestaram-se diversas dúvidas, tensões e medos, mas também foram experienciadas sensações de desafio, entusiasmo e êxito. E, neste turbilhão de sentimentos, houve a oportunidade de viver grandes momentos pautados por inúmeros sucessos e fracassos, conquistas e frustrações ou problemas e descobertas.

Por todas estas razões, esta nova etapa formativa representou um momento determinante no desenvolvimento pessoal e profissional, porque não abarcando meramente uma vertente técnica, concetual ou procedimental, serviu de palco a uma verdadeira “revolução” pessoal. Assim, ao longo desta etapa foram várias as mudanças e crescimentos que ocorreram, designadamente no que se refere à perceção que temos da realidade, do seu valor e capacidade para fazer frente aos desafios ou problemas e, até mesmo, na forma de tomar decisões e de estar, bem como na interação com os outros.

Por isso, quanto ao impacto a nível pessoal/profissional destacam-se: a realização e aprofundamento de diversas aprendizagens e aptidões profissionais; a autoavaliação das minhas próprias competências e do que sou capaz de fazer (autoestima e confiança); a troca de experiências e vivências; a oportunidade de contactar com diferentes públicos (professores, diretores, funcionários, encarregados de educação e alunos); a oportunidade de conhecer novas práticas/estratégias profissionais; e desenvolver competências como a responsabilidade, a organização, a gestão do tempo e, sobretudo, o saber escutar e estar não ferindo suscetibilidades (por experiência

profissional, tinha já ideia que uma intervenção numa escola não seria tarefa fácil, mas tornou o desafio maior).

A nível institucional, o projeto *A Mediação Socioeducativa como espaço de emancipação comunicacional na relação escola-família* também teve o seu impacto, na medida em que possibilitou a reflexão e dotou de ferramentas e perspetivas para uma atuação mais concertada ao nível da relação escola-família. Mais do que isso, permitiu injetar mais uma dose de esperança por melhores resultados na participação dos encarregados de educação na vida escolar. Repensar estratégias e sobretudo continuar a trabalhar para o sucesso dos alunos numa ação concertada com as famílias foram as motivações alcançadas a nível institucional. Para além disso, foram deixados alguns resultados que a escola mostrou considerar bastante pertinentes e a levar em consideração em atuações futuras no âmbito da relação da escola-família.

A este respeito, a Acompanhante de Estágio refere mesmo que *o projeto foi deveras importante para a escola, sendo que fiquei surpreendida com a forma como a intervenção foi levada, sobretudo pelos resultados apresentados. A Vânia superou as expectativas e demonstrou com os resultados que podemos fazer mais e melhor. Entendo que este projeto é de muito valor e que apesar das incertezas para o próximo ano letivo, apresentarei estes resultados e farei tudo para que se cumpram as ideias sugeridas pelo mesmo.*

Este projeto de intervenção realiza-se a partir de um determinado contexto e comunidade, dos seus problemas e potencialidades, respondendo assim às suas reais necessidades e interesses. Por isso, não é algo estático nem acabado, pois o contexto, a comunidade, os problemas, as potencialidades, as necessidades e os interesses de hoje podem não ser os mesmos de amanhã. No entanto, este trabalho aponta algumas estratégias para potenciar a relação escola-família e mais do que isso, mostra-nos a caminho a seguir para que esta relação saia valorizada, mesmo que os contextos se vão alterando ao longo do tempo.

A proposta de intervenção visou sempre o aumento da participação dos encarregados de educação na vida escolar dos educandos, no entanto, esta intervenção centrou-se no estreitamento dos laços de confiança e nas perspetivas de atuação futuras para intervir no aumento da participação. Mais do que provar quantitativamente o aumento da participação, o que não se afigurou possíveis dadas as limitações temporais e a mudança no foco da intervenção, esta intervenção forneceu a oportunidade para a

escola conhecer as representações dos encarregados de educação sobre a escola, motivando a reflexão para uma ação mais concertada.

De facto, todas estas experiências aumentaram a minha capacidade de antecipar os meus projetos futuros porque o meu envolvimento, num contexto real de intervenção, abriu caminho para encontrar a minha vocação e motivação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BIBLIOGRAFIA REFERENCIADA

- AFONSO, N (1994). “As famílias no novo modelo de Gestão das Escolas”, In *Revista Escola-Família*. Santarém: ESSE Santarém. N. ° 5, pp. 31-49.
- AFONSO, N. (1993). “A participação dos encarregados de educação na direcção das escolas”, In *Inovação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. Vol. 6, n.º. 2, pp. 131-155.
- ANDER-EGG, E. (2000). *Metologias y Práticas de la Animación Sociocultural*. Madrid: Editorial CCS.
- BARBIER, J. M. (1996). *Elaboração de projectos de acção e planificação*. Porto: Porto Editora.
- BARROS, A. & Lehfeld, N. (1986) *Fundamentos de metodologia. Um guia para a iniciação científica*. São Paulo: Mcgraw-Hill.
- BOGDAN, R & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- BONAFÉ-SCHITT, J. (2009) “Mediação, conciliação, arbitragem: técnicas ou um novo modelo de regulação social?” In Silva, Ana Maria & Moreira, Maria Alfredo (Orgs.) (2009) *Formação e Mediação Sócio-Educativa. Perspectivas teóricas e práticas*. Porto: Areal Editores, pp. 15-46.
- CALVO, A. (2002). *La Animación Sociocultural. Una estrategia educativa para la participación*. Madrid: Alianza Editorial, S.A.
- COSTA, A. (1986). “A Pesquisa de Terreno em Sociologia”. In A. SILVA & J. PINTO (Orgs), *Metodologia das ciências sociais*. Porto: Afrontamento, pp.129-148.

- DIOGO, J. M. L. (1998). *Parceria Escola-Família - A Caminho de Uma Educação Participada*. Coleção Escola e Saberes. Porto: Porto Editora.
- GASPAR, J. (2009) “Mediação de conflitos numa Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos”. In Silva, Ana Maria & Moreira, Maria Alfredo (Orgs.) (2009) *Formação e Mediação Sócio-Educativa. Perspectivas teóricas e práticas*. Porto: Areal Editores, pp. 115-121.
- GUERRA, I. (2000). *Fundamentos e Processos de Uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.
- GUIX, X. (2008) *Nem eu me Explico, Nem Tu me Entendes. Um Guia para se Orientar nos Labirintos da Comunicação*. Lua de Papel.
- HIERNAUX, J. (1995) “Análise estrutural de conteúdos e modelos culturais: aplicação a materiais volumosos”. In *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, pp. 156-202.
- ITURRA, R. (1986). “Trabalho de Campo e Observação Participante em Antropologia”. In A. SILVA & J. PINTO (Orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento, pp. 149-195.
- JARES, X. (2002) *Educação e Conflito. Guia de Educação para a Convivência*. Porto: Edições Asa.
- LÉSSARD-HEBERT, M. L.; GOYETTE, G. & BOUTIN, G. (1994). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LOPES, M. (2006). *Animação Sociocultural em Portugal* (1.^a ed.). Amarante: Intervenção.
- LOURENÇO, L. (2008). *Envolvimento dos Encarregados de Educação na escola: concepções e práticas*. Tese de Mestrado. Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação

- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E.D.A. (1986). *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- MARTINS, M. F. (2003). *Associações de pais e encarregados de educação na escola pública, contributos para uma análise sociológica-organizacional*. Coimbra: Departamento de Educação básica.
- MOORE, C. (1998) *O Processo de Mediação. Estratégias práticas para a resolução de conflitos*. Porto Alegre: ArtMed, 2.^a edição.
- QUIVY, R. & CAMPENHOUT, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- SERRANO, G. (2004). “Metodologia de Investigação em Animação Sociocultural”. In J. TRILLA (Coord.). *Animação Sociocultural: Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 101-119.
- SILVA, A. M. & Machado, C. (2009) *Espaços sociopedagógica dos mediadores socioeducativos: reflexões a partir de um estudo realizado em Portugal*. Acedido em 10 de Outubro de 2011 em <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t1/t1c12.pdf>.
- SILVA, A. M. & Moreira, M. A. (Orgs.) (2009) *Formação e Mediação Sócio-Educativa. Perspectivas teóricas e práticas*. Porto: Areal Editores.
- SILVA, A. M. (2010) *Conflito(s) e Mediação em contextos educativos*. *Revista Galeo-Portuguesa de Psicologia e Educación*, Vol. 18, n.º 1.
- SOUSA, A. (2009) *Investigação em Educação*. 2.^a edição. Lisboa: Livros Horizonte.
- TORREGO, J. (Coord.) (2003) *Mediação de conflitos em Instituições Educativas. Manual para Formadores e Mediadores*. Porto: Edições Asa.
- TORREMORRELL, M. C. (2008) *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

TUCKMAN, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ÚCAR, X. M. (2004). “A Avaliação da Animação Sociocultural”. In J. TRILLA (Coord.). *Animação Sociocultural: Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 189-203.

VALLICROSA (2004). “Técnicas de Intervenção na animação sociocultural”. In J. TRILLA (Coord.). *Animação Sociocultural: Teorias, Programas e Âmbitos*. Lisboa: Instituto Piaget, pp. 171-188.

VASCONCELOS-SOUSA, J. (Coord.) (2008) *Mediação em Acção*. Coimbra: MEDIARCOM/MinervaCoimbra.

VENTOSA, V. (2006). *Perspectivas actuales de la animación sociocultural: cultura, tiempo libre y participación social*. Madrid: Editorial CCS.

VIANA, I. C. (2011a). “Formação e educação: um projecto criativo de interface com a emancipação profissional.” *Revista Educação Skepsis*, n. 2 – *Formación Profesional. Vol. II. Claves para la formación profesional*. São Paulo: skepsis.org. url: <<http://academiaskepsis.org/revistaEducacao.html>> [ISSN 2177-9163], enero/julio., pp. 630-660

VIANA, I. C. (2011). “Currículo e Criatividade: inovar a visibilidade da invisibilidade do conhecimento plural.” In C. Leite; J. A. Pacheco; A. F. B. Moreira & A. Mouraz (orgs.). *Políticas, Fundamentos e práticas do Currículo*. Porto: Porto. pp. 138-146

VIANA, I. C. (2010). “Project and Creativity – a Relational Environment of Sense for Interdisciplinary Innovation.” In N. Hattum-Jansesen; R. M. Lima, & D. Carvalho (eds.) *Second Ibero-American Symposium on Project Approaches in Engineering Education (PAEE’2010): Creating Meaningful Learning Environments*. Barcelona, digital edition. pp. 55-59

VIANA, I. C. (2007). “O Projecto Curricular de Turma na mudança das práticas do Ensino Básico. Contributos para o desenvolvimento curricular e profissional nas escolas.” Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

VIEIRA, C. (1995). *A Investigação Participativa: uma investigação com as pessoas e não sobre as pessoas*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

VIEIRA, F. (2006a). “Formação reflexiva de professores e pedagogia para a autonomia: para a constituição de um quadro ético e conceptual da supervisão”. In F. Vieira, M.A. Moreira, I. Barbosa, M. Paiva & I.S. Fernandes. *No caleidoscópio da supervisão: imagens da formação e da pedagogia*. Mangualde: Edições Pedago, pp. 15-44.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDER-EGG, E. (1990). *Repensando la Investigación- Accion Participativa*. México: Editorial el Ateneo.

BARDIN, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, Lda.

DELORS, J. et al (1996). *Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI*. Rio Tinto: Edições ASA.

PARDAL, L. & CORREIA, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores.

ANEXOS



Anexo 1 - Diários de Comunicação das sessões de comunicação

SESSÃO Nº: 1 Data: 01 Fevereiro 2012	PARTICIPANTES: Diretores de turma;	Mediadora: Vânia Fernandes
Roteiro da sessão		
Objetivos - Apresentação do projeto e objetivos do mesmo; - Solicitar a colaboração para o projeto; - Motivar para o envolvimento dos encarregados de educação nas atividades; - Definir estratégias para promover a participação dos encarregados de educação; - Conhecer as representações sobre a relação escola – família;	Tarefas - Apresentação do projeto de mediação e seus objetivos; - Realização do inquérito por questionário; - Apresentação dos objetivos da sessão; - Solicitar a colaboração dos participantes;	Assuntos - A Relação escola e família; - A mediação; - O papel dos pais/professores na vida dos seus educandos/alunos; - A comunicação; - Promoção da participação dos Encarregados de Educação na vida escolar;
Pontos de interesse (novos, controversos, interessantes, imprevistos...)		
Contratempos (problemas, dificuldades, dúvidas...)		
Avanços (aprendizagem, decisões, planos...)		

Anexo 2 - Questionários (Encarregados de Educação e Diretores de Turma)

 Universidade do Minho	Questionário aos Diretores de turma	2012
Mestrado em Mediação Educacional e Supervisão na Formação		

Este questionário pretende recolher opiniões dos diretores de turma relativamente à relação com a escola e à importância dessa relação. Assim, leia por favor atentamente as questões colocadas e responda. Agradecemos que tente responder a todas as questões de forma breve. Os dados recolhidos serão usados para que possamos fazer uma intervenção na escola, no sentido de melhorar as relações entre escola-família, garantindo a confidencialidade dos mesmos. Obrigado, desde já, pela sua preciosa colaboração!

1. Em média, com que regularidade contata os Encarregados de Educação dos seus alunos?

Nunca/raramente	Uma vez por período	Duas vezes por período	Mais do que duas vezes por período

2. Entende que a regularidade que indicou na Questão 1 é suficiente? Porquê?

3. Que razões o(a) levam a contactar os Encarregados de Educação?

4. Que razões trazem os Encarregados de Educação à escola?

5. Que impedimentos encontra no estabelecimento de relações com os Encarregados de Educação dos seus alunos?

6. Entende que a relação escola/ família pode influenciar o rendimento dos alunos? Porquê?

7. Em que medida acha que o contacto com os Encarregados de Educação dos alunos deve ser apenas da responsabilidade do diretor de turma?

8. A Direção da escola proporciona a aproximação escola-família?

Sim _____(passe para a questão 9)

Não _____(passe para a questão 10)

9. De que forma é proporcionada a aproximação da escola à família?

10. O que entende que deveria ser feito para fomentar a relação escola /família?

11. Como avalia a relação da sua escola com a comunidade?

 Universidade do Minho	Questionário aos Encarregados de Educação	2012
Mestrado em Mediação Educacional e Supervisão na Formação		

Este questionário pretende recolher opiniões dos encarregados de educação relativamente à relação com a escola e à importância dessa relação. Assim, leia por favor atentamente as questões colocadas e responda. Agradecemos que tente responder a todas as questões de forma breve. Os dados recolhidos serão usados para que possamos fazer uma intervenção na escola, no sentido de melhorar as relações entre escola-família. Garantimos a confidencialidade dos dados. Obrigado, desde já, pela sua preciosa colaboração!

1. Em média, com que regularidade contata o Diretor de Turma/ Professores do seu educando?

Nunca/raramente	Uma vez por período	Duas vezes por período	Mais do que duas vezes por período

2. Entende que a regularidade que indicou na Questão 1 é suficiente? Porquê?

3. Que razões o(a) levam a contatar o Diretor de Turma/Professores?

4. Consegue facilmente contatar com o Diretor de turma do seu educando?

Que impedimentos encontra no estabelecimento de relações com os Diretor de Turma/ Professores dos seus educandos?

5. Entende que a relação escola/ família pode influenciar o rendimento dos alunos? Porquê?

6. Em que medida pensa que o contacto com os Directores de Turma/Professores deve ser da responsabilidade exclusiva do Diretor de Turma?

7. A Direcção da escola proporciona a aproximação escola-família?

Sim _____(passe para a questão 9)

Não _____(passe para a questão 10)

8. De que forma é proporcionada a aproximação da escola à família?

9. O que entende que deveria ser feito para fomentar a relação escola /família?

10. Como avalia a relação da sua escola com a comunidade?

Anexo 4 - Convocatória para os Encarregados de EducaçãoGOVERNO DE
PORTUGALMINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

Agrupamento de Escolas de Arões

Ano Letivo 2011/12

Ex.mo(a) Sr.(a) Enc. de Educação

Assunto: Reunião entre representantes dos Enc. de Educação com mediadora das relações entre escola – família.

A escola é hoje uma instituição que procura formar alunos e pessoas, pelo que é importante dinamizar um trabalho de equipa com as famílias.

Na medida em que procuramos aproximar-nos da família, gostaríamos de convidá-lo a participar numa reunião, na qual teremos oportunidade de refletir sobre a importância das relações entre escola – família. O objetivo deste encontro é ouvir os encarregados de educação, para que possamos fazer um trabalho de equipa com vista ao sucesso dos nossos alunos. Assim, gostaríamos de convidá-lo para conversar um pouco sobre a relação escola – família, no dia 2 de março de 2012 (sexta-feira), pelas 19h30min.

Agradecemos desde já a sua presença.

Arões, 27 de fevereiro de 2012.

A mediadora,

A diretora,

(Vânia Fernandes)

(Isabel Gonçalves)

(cortar e entregar à Directora de Turma)

Eu, _____ Encarregado de Educação do aluno _____, nº _____ da turma _____ do _____º ano de escolaridade declaro que tomei conhecimento da reunião a realizar no próximo dia 02 de março de 2012, pelas 19h30 no auditório da EB2,3 de Arões para tratar de assuntos relacionados com a ligação entre a escola – família. Arões, ____ de março de 2012.

Assinatura do Encarregado de Educação

**Anexo 5 - Dinamização da 3ª sessão de comunicação com Diretores de Turma
(Dispositivos Apresentados)**

**Anexo 6 - Dinamização do fórum preliminar de apresentação de resultados
(Dispositivos Apresentados)**

